

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Kátia de Freitas Torres Tristão

**A LONGA, DIFÍCIL E SINGULAR SEPARAÇÃO DA AUTORIDADE  
DOS PAIS:  
Um estudo sobre o trabalho pubertário de Lucy**

Belo Horizonte  
2025

Kátia de Freitas Torres Tristão

**A LONGA, DIFÍCIL E SINGULAR SEPARAÇÃO DA AUTORIDADE  
DOS PAIS:  
Um estudo sobre o trabalho pubertário de Lucy**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Eulália da Silva Januzzi

Área de concentração: Processos Psicossociais

Belo Horizonte  
2025

### FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

T8381	<p>Tristão, Kátia de Freitas Torres</p> <p>A longa, difícil e singular separação da autoridade dos pais: um estudo sobre o trabalho pubertário de Lucy / Kátia de Freitas Torres Tristão. Belo Horizonte, 2025.</p> <p>68 f.</p> <p>Orientadora: Mônica Eulália da Silva Januzzi</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia</p> <p>1. Adolescência. 2. Subjetividade. 3. Separação (Psicologia). 4. Psicanálise do adolescente. 5 Pais. 6. Autoridade. 7. Método de estudo de casos. I. Januzzi, Mônica Eulália da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p>
-------	--

SIB PUC MINAS

CDU: 159.922.8

Kátia de Freitas Torres Tristão

**A LONGA, DIFÍCIL E SINGULAR SEPARAÇÃO DA AUTORIDADE  
DOS PAIS:**

**Um estudo sobre o trabalho pubertário de Lucy**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicossociais

---

Profa. Dra. Mônica Eulália da Silva Januzzi(Orientadora) – PUC Minas

---

Prof. Dra. Cristiane de Freitas Cunha Grillo - UFMG (Banca Examinadora)

---

Prof. Dra. Cristina Moreira Marcos - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2025

*À Lucy, pela coragem destemida e generosidade em franquear sua própria transição adolescente, fonte de inspiração.*

## AGRADECIMENTOS

A adolescência é um livro aberto. Debruçar sobre esse tema nos convoca, de modo instigante, a refletir sobre questões complexas que envolvem toda a nossa construção como sujeitos, demonstrando como as relações afetam o modo de estarmos no mundo. A escrita desta dissertação só foi possível pela aposta e acolhimento de várias pessoas envolvidas nesse processo que eu sou eternamente grata. E agradecê-las(os) implica justificar minhas ausências, sem as quais a realização deste trabalho de pesquisa teria sido impossível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES II) pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de estudos, que foi essencial para a realização desta pesquisa. O incentivo à produção acadêmica e à pesquisa no Brasil, viabilizado por essa instituição, permitiu-me dedicar-me ao mestrado, aprofundando-me na pesquisa e construção desta dissertação. Expresso minha gratidão pelo compromisso da CAPES com a formação de pesquisadores, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do conhecimento e da ciência no país.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas pelo acolhimento e pela formação acadêmica de excelência que me proporcionou ao longo desta jornada. A universidade, com seu compromisso com o ensino, a pesquisa e a ética, ofereceu-me um espaço de aprendizado e reflexão fundamental para a construção desta dissertação. Sobretudo, sou grata pelo corpo docente, cujas contribuições foram essenciais para o aprofundamento teórico e metodológico deste trabalho.

À minha orientadora Mônica Januzzi, pela aposta, respeito e espaço dedicado à construção deste caso, e pelo particular conhecimento compartilhado nessa trajetória.

Ao professor Bruno Hanke, pela generosidade do tempo destinado a uma leitura atenta e suas contribuições sempre pontuais que nortearam meu caminho.

À professora de mestrado e integrante da banca de qualificação, Cristina Marcos, que me inspira a cada questionamento feito em suas disciplinas, onde tive a oportunidade de trabalhar minhas dúvidas e questões levantadas. Por seu carinho em aceitar me acompanhar, com seu olhar atento aos detalhes, da qual minha formação só teve a melhorar.

À professora integrante da banca de qualificação, Cristiane Grillo, que gentilmente aceitou fazer uma leitura minuciosa e compartilhar de seu conhecimento ímpar que tanto

agregou à essa pesquisa com pontuações sempre precisas.

À professora querida de mestrado, Luciana Kind, pela presença e falas sempre inspiradoras, me fazendo ver o valor das palavras. Suas aulas eram sempre fonte de quebra de paradigmas e construção viva de conhecimento.

Aos colegas do grupo de estudos: Clínica do excesso, pelas discussões e trocas importantes e pelo compartilhar de artigos e referências que me auxiliaram no estudo da psicanálise no contexto contemporâneo.

Aos meus colegas que dividiram aulas das disciplinas ofertadas ao mestrado e doutorado, especialmente Maria Câmara, Cristiane Nunes, Camille Calle, Júlio César, Ady Santos, Rafaella Bueno, Luciana Moura, Bruna Hallak, Luísa Helena, Fabyolla Castro pela escuta e parceria em todas as etapas deste processo.

À minha querida mãe, Maria de Lourdes, pela paciência nas minhas ausências e pelas palavras de incentivo para que eu permaneça no caminho do meu desejo.

Aos meus amados filhos, Felipe, Jofrinho e Eduardo, por sempre acreditarem em minha capacidade profissional, pelo constante incentivo para que eu continue me qualificando, pelas inúmeras vezes que trouxeram questionamentos que agregaram valor e credibilidade em minha pesquisa. E, ainda, por serem fonte de inspiração para tudo o que faço na vida.

Ao meu marido e amigo, Jofre Júnior, pelo caminhar junto, dividindo as conquistas e alegrias e aliviando as dificuldades e durezas da vida. Motivo de admiração e respeito.

E, por fim, à você Lucy, que corajosamente aceitou compartilhar suas questões e angústias, e, que, generosamente permitiu que sua história fosse documentada, na esperança de produzir mais compreensão de momentos de vida tão peculiares e únicos, como os que atravessam a adolescência. Agradeço, do fundo do coração, pelo carinho e dedicação nos relatos deixados.

*Uma metáfora: em botânica, uma “planta brava” é um arbusto que cresce atravessado. Philippe Lacadée*

## RESUMO

Essa pesquisa se refere aos modos de resposta de um sujeito adolescente, na contemporaneidade, frente a travessia da infância à vida adulta que se deu através das vicissitudes de sua longa, difícil e singular separação da autoridade dos pais. Busca-se compreender os modos sintomáticos apresentados por um sujeito, frente aos impactos da irrupção da puberdade experienciados no corpo, em tempos em que se presencia o declínio do simbólico e a ascensão do real como aquilo que se impõe ao sujeito em sua subjetividade. À luz da psicanálise, a metodologia utilizada foi a construção de um caso clínico. Como resultado a pesquisa aponta saídas possíveis da adolescência como diferentes modos de satisfação de um sujeito.

Palavras-chave: adolescência, modos sintomáticos, desligamento da autoridade paterna.

## ABSTRACT

This research focuses on the response manners of an adolescent subject in contemporary times in the face of the long, difficult, and particular separation from parental authority. The symptomatic manner presented by this subject, in an era marked by the decline of the symbolic and the rise of the real, which is imposed on the subject's subjectivity, will be examined through the construction of a clinical case study in an attempt to understand these processes. In alignment with the newly observed manners of jouissance, we also explored the issues experienced during adolescence, considering the impacts of the fall of paternal references. The adolescent journey exposed here aims to propose discussions about the relationship these subjects establish with their parental figures in the pursuit of different manners of satisfaction.

Keywords: adolescence, symptomatic modes, separation from paternal authority.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO . . . . .	11
2 A noção de adolescência para a psicanálise e o trabalho pubertário. . .	15
2.1 O rompimento com a autoridade dos pais . . . . .	19
2.2 Pai tirânico e pai simbólico . . . . .	22
3 A construção do caso clínico . . . . .	25
3.1 O caso Lucy . . . . .	25
3.1.1 <i>Agorofobia e o real do sexual em Lucy</i> . . . . .	29
3.1.2 <i>A família margarina e o que ela oculta?</i> . . . . .	31
3.1.3 <i>Um pai que excede de sua função de pai?</i> . . . . .	35
3.1.4 <i>Tempo de compreender - tempo de elaborar</i> . . . . .	37
4 Saídas possíveis da adolescência . . . . .	39
4.1 Uma nova invenção sintomática do sujeito . . . . .	40
4.2 O trauma do trauma . . . . .	47
4.3 Marcadores das saídas de Lucy . . . . .	53
4.4 A arte como uma possível saída? . . . . .	58
5 CONCLUSÃO . . . . .	62
REFERÊNCIAS . . . . .	65

## 1 INTRODUÇÃO

Desligar-se da autoridade dos pais implica em fazer suas próprias escolhas. E, como toda importante escolha na vida do sujeito, escolher implica, concomitantemente, renunciar. Embora o sujeito adolescente, em plena constituição subjetiva, seja impulsionado a essa direção, a de se posicionar frente ao real do sexual que atravessa seu corpo e à constatação de que o Outro é barrado, não há um saber a priori para isso, sobretudo porque exige dele ocupar um novo lugar. Algo que não ocorre sem consequências.

Frente a isso, esta pesquisa trata da travessia corajosa empreendida pela jovem, Lucy, no percurso de sua infância para a vida adulta. Interrogamos, ao longo dos relatos franqueados à sua analista, de seu lugar de sujeito, sobre os modos como o mal-estar social é presentificado na clínica com sujeitos adolescentes em relação ao trabalho pubertário indicado por Freud (1905/1996) referente ao rompimento da autoridade dos pais. As transformações contemporâneas na ordem simbólica tiveram impacto em vários aspectos da sociedade, entre eles, nos novos modelos de organização familiar contemporâneos, ao deslocar a centralidade do lugar do pai e impactar sua função na família. Desta forma, a problemática aqui proposta se refere ao sujeito adolescente e seus modos de se posicionar no social. Diante disso, interroga-se: Quais os modos de resposta de um sujeito adolescente na contemporaneidade, frente à singular separação da autoridade dos pais?

A partir da interseção entre adolescência e psicanálise, nosso recorte destaca o trabalho do sujeito adolescente no desligamento da autoridade paterna, que aqui se sustenta a partir do franqueamento ofertado por um sujeito, na construção de um caso clínico.

Por sua vez, os objetivos específicos aqui propostos são: contextualizar a adolescência no contemporâneo a partir dos novos ordenadores sociais situados com a queda da centralidade paterna e suas relações com a adolescência; compreender a noção de família para a psicanálise e a função do desligamento da autoridade dos pais na adolescência, proposta por Freud e identificar as saídas possíveis para a função de desligamento da autoridade dos pais através da escuta de um sujeito adolescente. A fim de se atingir tais objetivos, optamos por adotar o método de construção do caso clínico, que corresponde a um método de investigação e de transmissão da psicanálise através do qual o pesquisador interroga o seu saber a partir de seus achados. O que permite sustentar que a pesquisa “a partir da psicanálise” (Freud, 1996b, p. 189) parte da clínica e tem continuidade com a construção do caso clínico.

No artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) nos diz que a vida sexual adulta só é estabelecida por uma [...] conciliação entre as duas correntes dirigidas ao objeto e à meta sexual, a corrente da ternura e a corrente sensual [...]. É como a travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades. De um lado, o sujeito sai da infância, pois tem destituído de seu conceito o ideal que mantinha de seus pais, suas referências, que lhe serviam de âncora, já não são suficientes agora. De outro, o sujeito se dirige a alguma coisa em que possa se referenciar, dando-lhe o suporte necessário para novas e futuras construções.

Nesse sentido, a adolescência é entendida como uma fase intermediária da vida, entre a infância e a fase adulta, uma passagem que possibilita novas construções, desconstruções e elaborações de processos complexos. Viola e Vorcaro (2018, p.3448) explicam que a adolescência é uma "[...] tarefa psíquica que precisa incluir, em uma mesma equação, a escolha do objeto sexual e a separação da família, com o conseqüente encaminhamento do jovem em direção à sociedade mais ampla".

Ao mesmo tempo, porém, as transformações nas organizações familiares presentes na contemporaneidade são fruto de uma reorganização do modo social e cultural, de um enfraquecimento da lei, de um crescimento exacerbado do individualismo, de modo que a queda na figura do pai como lugar central nas famílias expressa essas transformações. A família aqui tratada refere-se a uma estrutura, nos remetendo ao texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo* de (Lacan, 1938/2003). Contudo, o pai, para a Psicanálise, é uma instituição, que pode enfraquecer, mas que continua tendo um papel fundamental na constituição do sujeito. A função do pai, enquanto representante da lei, aquele que encarna e interdita o desejo daquela que faz a função da mãe é aquela que opera as amarrações do simbólico, real e imaginário, direcionando o sujeito à cadeia de significantes em busca da satisfação de seus desejos. Desse modo, mesmo com o declínio do simbólico, ou melhor dizendo, com a pulverização do pai, observa-se que o sujeito tem buscado por outras formas de laços. Tanto que as pessoas continuam a se ancorar, de algum modo, numa ordem social e seguem suas vidas. Os modos de se comportar e as implicações geradas na relação entre adolescentes e seus pais, e/ou aqueles que exercem essa função, são foco de discussão neste trabalho, e indicam possibilidades de novos direcionamentos propostos pela abordagem psicanalítica.

A pesquisa aborda o singular processo de separação da autoridade dos pais na

adolescência através dos modos de resposta de um sujeito, na contemporaneidade, capturados a partir de fragmentos de um caso clínico. Para isso, coloca-se em perspectiva de que modo as vicissitudes sofridas na pluralização da função do pai reverberam, nesses sujeitos adolescentes, posicionamentos disruptivos, tornando o trabalho da adolescência ainda mais difícil. O texto explora ainda, tomando marcadores de um caso clínico, possíveis saídas apresentadas por um sujeito adolescente, apostando na possibilidade da abertura nas significações fechadas de seus sintomas.

A aposta aqui é de apontarmos um ponto de onde. É tentarmos encontrar, em certa medida, o ponto “a partir do qual cada um se pode ver de um modo diferente do que é, o que o alivia parcialmente de seu ser de objeto a, ao qual não se deve reduzir” (Lacadée, 2011, p. 8). A consequência, o risco que esses adolescentes incorrem é o de um aprisionamento num lugar onde podem se ver “numa exclusão segregadora”, onde é possível fazer “surgir a ilusão de uma identidade, no mínimo devastadora” (p. 9), dando lugar a todo tipo de fantasma. Apostamos na possibilidade de, a partir das palavras capturadas dos relatos apresentados nos fragmentos do caso estudado, ilustrar um pouco daquilo que vem a ser o enigma da existência colocada por um sujeito que passa pela experiência adolescente. Pelas palavras relatadas no caso clínico desta pesquisa, vão se apreendendo o real forjado na realidade.

A dor da adolescência no caso Lucy nos convoca à pesquisa.

Este trabalho utiliza da pesquisa em psicanálise baseada na construção de um caso clínico e em fenômenos sociais a partir da leitura do caso Lucy e suas implicações no contexto da travessia da adolescência, frente ao rompimento da autoridade dos pais.

Após uma breve introdução com o tema da travessia da adolescência discutido neste estudo de caso, seguimos um percurso dos pontos a serem tratados nessa dissertação, na construção do caso clínico elaborado a partir dos marcadores extraídos dos relatos do caso Lucy e alguns apontamentos.

No segundo capítulo, abordaremos a noção de adolescência à luz de conceitos fundamentais da psicanálise. Exploraremos o rompimento com a autoridade dos pais como parte desse processo, além de discutir as figuras do "pai tirânico" e do "pai simbólico", destacando sua função na estruturação psíquica do sujeito.

O terceiro capítulo será dedicado à apresentação e análise do caso de Lucy, destacando as experiências vividas por ela durante sua travessia da adolescência e os efeitos de

um abuso ocorrido na infância. Discutiremos o sintoma apresentado no caso, com foco no impacto do "real do sexual" em Lucy. Também serão abordadas as novas configurações de família na atualidade, considerando a função simbólica do pai como aquele que opera a interdição dos desejos da mãe, designando o sujeito à busca de seus próprios desejos. Adicionalmente, analisaremos a figura do pai que excede de sua função de pai. E finalizamos o capítulo com o tempo de compreender elaborado por Lucy.

No quarto e último capítulo, discutiremos as possíveis saídas da adolescência identificadas no caso Lucy. Exploraremos a "nova invenção" de Lucy, apontando os marcadores que emergem de sua experiência singular e que revelam o percurso subjetivo que ela traçou para construir sua saída.

## 2 A NOÇÃO DE ADOLESCÊNCIA PARA A PSICANÁLISE E O TRABALHO PUBERTÁRIO.

A adolescência pode ser compreendida como um construto cultural que tem sido objeto de estudo e tema de interesse na sociedade contemporânea nas mais diversas áreas, como a filosofia, a sociologia, a biologia, dentre outras. Conseqüentemente, ainda que em uma perspectiva mais desenvolvimentista, o campo da Psicologia também dedica atenção a este período da vida humana. Nesta pesquisa partimos, no entanto, do campo orientado pela psicanálise freud-lacanianiana, no qual se aborda a temática da adolescência a partir de uma análise mais singular dos modos sintomáticos pelos quais o sujeito adolescente responde às suas questões, frente às transformações pubertárias.

Considerando que a adolescência não é um termo originalmente psicanalítico, é preciso apontar que, ainda assim, tanto Freud (1905/1996) quanto Lacan (1963/2005) se interessaram por este tempo lógico da vida do ser falante na perspectiva do real que as transformações da puberdade impõem ao sujeito. Freud (1905/1996), especificamente, ressalta que a travessia da infância para a vida adulta implica em uma escolha do sujeito frente às transformações que se estabelecem sobre dois aspectos de um trabalho psíquico: o despertar das pulsões sexuais e o rompimento com a autoridade dos pais. Mais do que um período etário, para a psicanálise, a adolescência é uma escolha do sujeito que aceita “[...] pagar o preço do desligamento dos pais, assumir que o Outro é barrado, castrado” (Alberti, 2002). Por isso, recusamos aqui uma definição do termo adolescência do ponto de vista desenvolvimentista, visto que isso apenas reduziria a complexidade dos aspectos que pretendemos trazer sobre a singularidade do sujeito adolescente.

Um destes aspectos consiste em considerar certos atravessamentos que podem se fazer presentes na vida do sujeito adolescente quando o trabalho de rompimento com a autoridade dos pais é atravessado pelo desamparo e pela violência do abuso sexual incestuoso do pai, a partir do conhecimento da mãe. Neste sentido, o desligamento da posição infantil em que a criança sustenta a imagem idealizada dos pais e a travessia para a vida adulta encontra mais dificuldades. É importante dizer que esse trabalho de desligamento dos pais da infância se torna fundamental para que o sujeito possa construir recursos para lidar com o desamparo estrutural em sua constituição, ainda que tenha que lidar com uma radicalidade maior frente a esta condição quando se vê em dificuldades com o desejo do Outro (Ferrari e Januzzi, 2019). Em sua dimensão constitutiva e estrutural,

o desamparo impõe ao sujeito impossibilidades que o submetem à castração simbólica, culminando nos limites com os quais cada um se depara frente às leis que o humaniza. Esse novo posicionamento será único para cada sujeito adolescente, o qual poderá responder angustiando-se, inibindo-se e/ou produzindo sintomas. (Alberti, 2004).

Segundo Freud (1905/1996), com a chegada da puberdade, importantes mudanças operam nesse segundo tempo da sexualidade, determinando a configuração definitiva da vida sexual. Se na infância a pulsão era predominantemente autoerótica, na puberdade encontra novo objeto sexual. Duas transformações vão definir o posicionamento na adolescência, levando o sujeito aos caminhos da vida adulta: o primado das zonas genitais e o processo do reencontro com o objeto. Assim, a zona genital tem um novo alvo sexual para a conjunção de todas as pulsões parciais, que seguem duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a corrente da ternura e a sensual (Freud, 1905/1996).

Ao levar em conta o sujeito como ponto central de reflexão, a Psicanálise intitula a adolescência como um tempo de despertar. O sujeito, às voltas com as metamorfoses da puberdade, e do real que o implica como sujeito sexuado, exercita tentativas insistentes de inscrever-se como sujeito desejante, indo de encontro com o real do sexo. Num deslocamento “do pensamento ao ato” Pacheco (1999), assinala que o sujeito se lança em busca de um novo objeto, que venha com a promessa de tamponar sua falta (p. 26). Lacan utiliza-se da metáfora freudiana de um túnel perfurado dos dois lados, afirmando que esse encontro do sujeito com o não saber da relação sexual faz furo no real, já que o parceiro sexual em questão é o objeto a, aquele para sempre perdido, “caracterizando a adolescência como o momento do reencontro com o objeto e com sua função de separação para o sujeito” (Pacheco, 1999, p. 26). Desse modo, pontua Susane Zanotti,

considera-se aqui a puberdade como o momento de despertar para o mal-estar, presente em todo e qualquer sujeito. Mal-estar relacionado ao despertar para o desejo, à delicada relação do sujeito com o corpo próprio, ao traumático encontro com o outro e à difícil separação da autoridade dos pais (Zanotti, 2016, p. 3).

Sujeitos que carregam um tipo de dor a esse tempo da adolescência que surge a partir de um real que a psicanálise aqui contribui a elucidar, mas que frequentemente se duplica com as metamorfoses da puberdade, levando o sujeito a se ver, muitas vezes como objeto, incapaz de se identificar em sua própria história simbólica.

Partindo do que nos diz Miller (2015), numa intervenção de encerramento da 3<sup>a</sup>

Jornada do Instituto da Criança, tema intitulado: *Em direção à adolescência*, sob a vertente da psicanálise, segundo a qual a adolescência seria uma construção, o sujeito realiza em suas construções subjetivas trabalhos árduos de elaboração de lutos, perdas e escolhas. Lutos imaginários de pais idealizados como referências a seguir, perdas de um corpo que não mais se reconhece e escolhas que vão redefinir os caminhos de seus desejos. O autor, assim como nos ensina Freud (1905/1996), em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, pontua que, na adolescência, pela psicanálise, ocupamo-nos de três coisas: a primeira como o momento do sujeito da infância, tendo o campo do outro separado de si. A segunda seria no instante de seu posicionamento frente à escolha sexual, reconhecendo as predisposições no sujeito à posição feminina e à posição masculina. E finalmente na terceira fase, quando o autor assinala a imiscuição do adulto na criança. Miller (2015).

No texto citado acima, *Três ensaios*, Freud (1905/1996) aponta a puberdade como momento em que há transformações, tanto fisiológicas, quanto psíquicas, em que o sujeito se vê às voltas com questões de mudanças no corpo de forma a produzir diferentes modos de posicionamento diante do que Lacan no *Seminário 2 - o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1985) chamou de Outro. Freud (1905/1996) dá ênfase ao momento púbere por acreditar que este promove um ponto crucial nos trabalhos da adolescência, o de desligamento da autoridade dos pais. O autor teoriza que o sujeito adolescente reedita a dissolução do Édipo no seu encontro com o sexo, fazendo novas escolhas objetais. Momento inesperado pois ocorre sem um saber a priori, que necessariamente provoca angústia, pois traz a marca do encontro com o real – conceituado por Lacan (1954/1985) como o que não é simbolizável, para o qual não se tem palavras. Desse modo, podemos observar que tanto Freud quanto Lacan, ao falar das transformações da puberdade, visavam ao psíquico.

Um dos primeiros psicanalistas a aprofundar-se na temática da adolescência, de forma sistemática foi Ernest Jones, em 1923, vinculando a adolescência ao estabelecimento de uma “harmonia definitiva advinda da fusão dos diferentes objetivos pulsionais em direção à genitalização” (Alberti, 2004). Outros autores como Lacadée (2007), Stevens (1998/2004), Miller (2015) e outros aproximaram esses conceitos na intenção de trabalhar na reatualização da teoria na prática clínica e pesquisa, suscitando a verdade do sujeito.

O psicanalista italiano, Cosenza (2024), com seu livro intitulado *Clínica do excesso: derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea*, nos auxilia a

compreender esse “tempo de angústia”. O autor apresenta dois tempos lógicos que sustentam o que definiu como iniciação sexual do adolescente. Dois processos que acontecem no caminho da travessia do adolescente, de modo estrutural. O primeiro deles, o tempo do véu. Este como o instante de ver, baseado no *Prefácio a O despertar da primavera*, de Wedekind, escrito por Lacan (2003), coincide “com uma primeira irrupção de gozo no corpo do jovem que chega ao orgasmo” (Cosenza, 2024, p. 121). Momento em que o sujeito se lança ao encontro de uma possível relação com o Outro, sem um saber à priori. Já o segundo tempo lógico, chamado pelo autor de tempo do trauma, às voltas com as vicissitudes e desencontros da vida sexual, o sujeito se depara com “um não encontro”, o não saber, o vazio, o nada. O sujeito, desse modo, com a queda do véu, se depara com a não relação sexual, com a possibilidade de um encontro impossível. Essas se apresentam na clínica como algumas das formas de o sujeito responder ao encontro com o real do sexo, produzindo sintomas.

Assim, nossa hipótese é de que a adolescência se caracteriza, a partir dos fragmentos de um caso clínico que aqui serão apresentados, aquilo que Zanotti (2016) ilustra em seu texto *O adolescente e seus enlaces: considerações sobre o tempo*, no segundo momento experienciado na adolescência como “o tempo lógico de um encontro” (p. 5). Na passagem do autoerótico, ainda na infância, à escolha de objeto, já na adolescência, há escolhas a serem feitas, novos modos de se posicionar diante da perda do corpo infantil e na reelaboração de uma nova imagem corporal. Diante de uma predominância do imaginário e na precária dificuldade de simbolização, Zanotti (2016) vai concluir que “[...] as metamorfoses da puberdade, ao mesmo tempo em que colocam em primeiro plano o registro imaginário, abalam as amarrações com o simbólico” (p. 3). E nesse tempo lógico então, “resta a cada um inventar sua própria resposta” (p. 5). Para a autora, o adolescente faz a passagem direta do instante de ver (tempo de despertar) ao momento de concluir (tempo de agir). Nesta pesquisa, nossa aposta se apoia na tendência do sujeito adolescente se fixar no tempo de compreender, demonstrado por seus sintomas e modos de gozo, também chamado pela autora de “o tempo lógico de um encontro” (p. 3). Lugar onde o sujeito faz tentativas incessantes de se ancorar e fazer amarrações, mas acaba se mantendo à deriva. São processos psíquicos que, em alguns casos, não cessam de não se inscrever.

Para Stevens (1998/2004), a adolescência seria um sintoma da puberdade. Algo que

surge no momento onde há transformações, tanto físicas quanto psíquicas. Para esse autor, a puberdade não seria apenas o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários do sujeito, mas um encontro com o real do sexo. Algo impossível de simbolizar, a ausência de um saber quanto à relação sexual, onde o sujeito, diante desse real, elabora um sintoma: a adolescência. “A adolescência é, assim, a enumeração de uma série de escolhas sintomáticas em relação a esse impossível encontrado na puberdade.” (Stevens, 1998/2004, p. 4).

## 2.1 O rompimento com a autoridade dos pais

Se na infância, a criança necessita acreditar que seus pais são modelos ideais, o adolescente questiona. Como diria Alberti (2004), na adolescência, esses modelos se afrouxam, não sendo mais possível fechar os olhos à insuficiência deles, o que trará inúmeros efeitos. Os modos sintomáticos possíveis da adolescência a esse real da puberdade são as respostas subjetivas do sujeito no momento de se reinscrever simbolicamente nas relações que estabelece. É no enlace do adolescente com seu par parental que vai se preparando o terreno para o desligamento dos pais imaginarizados e idealizados da infância, que, por sua vez, como disse Freud, nos *Três ensaios* (1905-1996) só será possível se o período que chamou de latência tiver obtido êxito. O sujeito recebe ao longo de sua infância e do mundo à sua volta marcadores, direções, determinantes que lhe permitirão realizar suas escolhas. Desse modo, o desligamento da autoridade dos pais demanda uma boa dose de investimento e de amor.

[...] é preciso saber que pai e mãe não são sinônimo de referência, mas conceitos que comportam tal importância para os filhos que estes, mesmo não assumindo parte dos parâmetros daqueles, de forma alguma deixam de ser seus filhos por isso! (Alberti, 2004, p. 12).

Alberti (2004) pontua, seguindo o caminho de Freud (1905/1996), que “ao contrário do que alguns imaginam, o sujeito adolescente precisa muito de seus pais”, para que ele possa desempenhar o trabalho de se separar deles. Para que essa escolha subjetiva seja possível, é preciso que estes pais não lancem mão desse lugar, considerado por vezes, um tanto antiquado, mas também referência necessária nesse momento. Para Freud (1905/1996) o principal trabalho executado no período da puberdade é o desligamento da autoridade dos pais. Nomeamos esse tempo lógico, vivido pelo adolescente nessa pesquisa, como um desenlaçar primitivo para um novo enlaçamento social.

Parece-nos importante mencionar que o pai e a mãe, o par parental, ou aqueles que

exercem essa função, possuem para seus filhos, lugar de ancoragem para seus transbordamentos, são referências para que algo seja construído pelo sujeito frente ao desamparo.

Alberti, afirma que:

Há vezes em que, diante de tantas reações adversas por parte do(a) filho(a), os pais desistem de desempenhar sua função de pais, entendem que não são mais ouvidos, levados a sério, respeitados, e então, dando de ombros, desistem. Aí, são os pais que se separam dos filhos antes destes poderem se separar deles, invertendo os papéis, de forma que a única solução encontrada pelo adolescente nesse momento em que se vê abandonado, é a de lutar desesperadamente pela atenção daqueles. (Alberti, 2004, p. 10).

Um difícil lugar de sustentação subjetiva ocupam os pais. Acredita-se que esta sustentação seja de extrema importância para a constituição do sujeito, para as possibilidades de diálogo possíveis entre adolescentes e seus pais e para uma possível passagem pelo túnel aberto desde ambas as extremidades (Freud, 1905/1996). Lugar de onde o sujeito poderá reelaborar suas escolhas objetais e seguir seus próprios passos em direção ao social.

Se no discurso do sujeito adolescente, no seu posicionamento frente ao outro, pode-se detectar a entrada na adolescência, resta saber como contribuir para que essa travessia seja um tanto menos ameaçadora e um tanto mais acolhedora pelos pais. A “crise” na adolescência, se é que existe enquanto fenômeno, ou se é fruto de construções da modernidade, carece de um lugar de produção subjetiva. Produção de um sujeito que necessita do investimento afetivo do Outro. Os psicanalistas Oliveira e Hanke (2017), em seu artigo intitulado *Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise*, pontuam que “o lugar claudicante do pai, a inconsistência do Outro e o imperativo de gozo são marcas do discurso capitalista atual”, sinalizando os impactos que a contemporaneidade traz nesse período do sujeito, a saber, a puberdade, propondo identificar as especificidades experienciadas sobre o adolescer (Oliveira e Hanke, 2017, p. 295).

À medida que essa travessia se constrói, os pais podem ou não se constituir como ponto de ancoragem, um momento de trégua para os trabalhos de separação realizados no período da puberdade. Frente a essas vicissitudes, o sujeito se difere de seus pais, identificando-se assim como sujeito, não mais do lugar de objeto, mas sempre como sujeito desejante. Desse modo, o trabalho de desligamento da autoridade dos pais vai se impondo, dando direção aos impulsos sexuais desses adolescentes no seu desenvolvimento

psicossexual. Assim, é preciso que os pais não desistam de desempenhar sua função de pais e suportem seu próprio aniquilamento na elaboração psíquica de separação de seus filhos (Alberti, 2004).

Isso, contudo, ainda não faz laço social. Cosenza fala de um “vazio do romance familiar” que aparece na clínica com os sujeitos adolescentes. O declínio do pai, sua pulverização na sociedade moderna, afeta as relações produzidas nessa ordem simbólica, e isso não é sem consequências (Cosenza, 2024, p. 125). O autor pontua que na “encruzilhada da puberdade”, o sujeito se depara com uma escolha dramática a ser feita, de consequências estruturais. Esse seu novo objeto, causa de desejo, é o que difere o sujeito do Outro familiar, dando sentido e lugar ao gozo do corpo. “São infinitas nuances e vicissitudes clínicas que se dão nessa encruzilhada” (p. 116).

Caracteriza-se o *Romance Familiar*, designado por Freud (1909/1996), como o modo do sujeito se separar de seu par parental, inventando, por meio de fantasias, uma nova família. Durante a constituição e dissolução do Complexo de Édipo, a criança cria para si uma versão imaginária do seu vínculo com seus pais. Nesse processo, o Romance Familiar é então recaldado, tornando-se inconsciente, sendo necessário todo um investimento do sujeito de restaurar a imagem perdida dos pais, dando uma nova resposta a esse impasse. E essa nova resposta, esse novo posicionamento do sujeito estruturará sua relação com o casal parental.

A interdição paterna, aquela feita pelo portador do falo, será o resultado desse romance familiar, que move o sujeito na direção em privação da busca infinita e incestuosa de se fazer como objeto de desejo de sua mãe, mas produz um resto que marca um vazio da falta expressa no corpo, constituindo assim sua neurose.

Aquele que sofre das vicissitudes de um encontro, ou um mau encontro com o real, sempre traz consigo o traumático, forçando o sujeito a inventar novas formas de ser. Na adolescência, em razão das metamorfoses pubertárias, o sujeito vislumbra, mais uma vez, seu desamparo fundamental, diante de um real que potencializa esse lugar de órfão. O túnel, cavado desde ambas as extremidades, se coloca para esses sujeitos como travessia necessária e única possibilidade de aceder aos seus desejos.

Alberti (2009) diz que, em psicanálise, as escolhas são determinadas pelos desejos. E, desse modo, orientados pela teoria freudiana, “o sujeito só tem a escolha de não ceder sobre seu desejo” (p. 224). Desde que a função paterna tenha tido êxito, ou seja, aquela

que barra o desejo da mãe e estrutura o sujeito, tornando-o sujeito desejante.

## 2.2 Pai tirânico e pai simbólico

Ao escrever *Totem e Tabu* em 1912, Freud coloca o mito do pai no centro de sua teoria. O austríaco descreve um pai não castrado, que abusa do seu lugar de pai, e que, assim, vira alvo da hostilidade dos filhos que o matam. Sua morte traz a descoberta do amor de seus filhos a partir de um sentimento de ressentimento e culpa e, assim, a lei simbólica se inscreve. A morte do pai foi a condição para a renúncia dos filhos ao gozo da mãe e do estabelecimento de um laço social (Freud, 1913/1996).

O pai é uma instituição simbólica. E, desse modo, sempre presente. Sua queda ou, nos tempos atuais, sua pulverização, não ocorre sem efeitos. A psicanálise, desde Freud, remete o sujeito dividido a partir de operações que castram, estruturam e deslocam o desejo para outros objetos. Parte da constituição psíquica do sujeito, o complexo de Édipo, ou a operação citada nesse manejo do romance familiar, constrói a borda que funda o desamparo psíquico como condição *sine qua non*, para submeter o sujeito à falta. Assim, a entrada no universo simbólico faz emergir um sujeito no campo do sentido, para sempre desejante. A partir dessa operação, o sujeito deslizará num processo infinito de busca por produção de sentido, fazendo um apelo ao Outro, em torno de balizas que vão direcioná-lo àquilo que causa seu desejo. Como salienta Zanola e Lustoza (2019), em seu artigo *Alienação e separação no Seminário 11 de Lacan: uma proposta de interpretação*,

[...] importa destacar que a verdade do sujeito não se reduz às suas identificações e representações, permanecendo sempre êxtima a estas. Lá onde o indivíduo se crê ele mesmo e se vê sempre da mesma forma, ali Lacan aponta uma realidade de engodo. É no inconsciente, que por vezes parece tão distante da subjetivação, que reside a verdade do sujeito para além da farsa de suas identificações, a verdade de um sujeito dividido por essência (p. 127).

De fato, podemos constatar que o declínio da função paterna tem ligação direta com os novos modos sintomáticos apresentados pelos sujeitos contemporâneos. Lustoza, Cardoso e Calazans (2014), salientam que "afirmar seu declínio é legítimo, se com isso nos limitamos a constatar a dissolução dos grandes códigos de conduta que governavam a sociedade", desde os tempos do "velho sujeito neurótico freudiano"(p.2). Porém, não se trata do apagamento do Nome-do-pai, como lei simbólica que ordena e estrutura o sujeito ou de afirmar que vivemos numa sociedade de psicóticos ou perversos. E sim que, "hoje,

qualquer um que busque reivindicar para si o lugar da exceção é violentamente rejeitado como um blefador patético, que oculta sua impotência sob o disfarce da lei"(p. 3). O lugar do grande Outro permanece como um lugar vazio. E é aí que reside sua eficácia: "afinal, nada mais indestrutível do que aquilo que não existe"(p. 3)!

A partir da teoria de Freud, observamos que os modos de funcionamento da sociedade de sua época promoviam a interdição ao gozo. Atualmente, com a multiplicidade das possibilidades de escolha de objetos que prometem a satisfação plena, os sujeitos se veem numa encruzilhada, onde a barreira ao gozo parece ter sido removida. E, é nesse contexto atual que essa pesquisa tenta compreender de que modo o adolescente hoje constrói seus arranjos ao se dirigir ao mundo adulto. "Lá, onde só se vê doença, lá, onde só se vê erro, a psicanálise insiste: há sabedoria" (Barreto, 2007, p. 26).

Se o discurso capitalista propõe ao sujeito novos modos de gozo, com infinitos objetos possíveis de tamponar a falta e se os sujeitos adolescentes contemporâneos, segundo Cosenza, parecem não precisarem "mais do suposto saber do mestre freudiano como metáfora do pai", encontrando suas respostas nas telas da internet, é preciso que o analista esteja no ponto de falha desse saber (Cosenza, 2024, p. 126).

Segundo Lacadée (2006), a evolução do capitalismo e a reorganização das formações familiares não vêm sem consequências. A pulverização da função paterna, aquela que promove a lei que estrutura o sujeito, desloca-o, sem referências, a uma eterna busca de um novo direito de gozo, com suas inúmeras possibilidades de "objetos que vêm escamotear sua falta" (p. 9). Se a autoridade parental não constitui mais um suporte sobre o qual a adolescência se apoia. Se o pai não exerce mais essa função de exceção, barrando o desejo da mãe e estruturando psiquicamente o sujeito, onde encontrar essa saída, esse ponto de onde o sujeito se reinventará para se enlaçar ao Outro? Quais são os novos modos de posicionamento de um sujeito adolescente que necessita fazer sua travessia, elaborando suas perdas e escolhas, em direção à vida adulta? Se os pais já não ocupam o lugar do sujeito suposto saber, que recurso será "o único capaz de fazer autoridade face ao real" (p. 12)? Qual a invenção ou subversão capaz desse feito?

A travessia da adolescência se mostra um longo, difícil e singular percurso onde o sujeito faz incessantes tentativas de produzir sentidos e significados em variadas formas de estar no mundo. O sacrifício feito na puberdade com a perda de gozo como consequência de suas escolhas, são formas de dar borda a um corpo que se quer separado do Outro. A

complexidade da operação da adolescência tem sido bem apontada na contemporaneidade pela profusão de modos sintomáticos apresentados por esses sujeitos ao se enlaçar no social. Porém, a travessia, por si só, não garante um efeito apaziguador duradouro.

Como salienta Lima (2010), frente à angústia da falta de referências simbólicas, o sujeito adolescente caminha desbussolado, levado por seus próprios desejos, orbitando em torno de seus pares, em busca de alguma coisa que faça sentido, um porto para ancorar.

Vejamos como a jovem Lucy nos ensina sobre as saídas que precisou inventar para lidar com o real das transformações da puberdade, frente ao trabalho psíquico de desligamento da autoridade dos pais, no contexto do desamparo e do abuso sexual.

### 3 A CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO

A construção do caso clínico, enquanto método adotado neste estudo, fundamenta-se nos princípios da psicanálise, priorizando a singularidade do sujeito e a escuta das formações inconscientes que emergem no registro de seu caso. Trata-se de um método que não se limita à descrição de fatos ou sintomas, mas busca articular elementos da história do sujeito com os conceitos teóricos da abordagem aqui proposta, de modo a construir um entendimento particularizado sobre seu processo subjetivo.

Como sabemos, o desejo se faz notar de maneiras curiosas. E, assim, achamos pertinente registrar que o nome Lucy, assim como todos os outros nomes mencionados nessa pesquisa, é fictício, a fim de garantir a confidencialidade e proteger a paciente, mantendo o sigilo das identificações que por vezes possam aparecer. Mas também é preciso dizer que o nome Lucy foi escolhido pela própria paciente, dizendo que este "significa luz". Será este um significante, aquele capaz de produzir significados?

#### 3.1 O caso Lucy

Na verdade, ninguém liga pra ninguém... o povo tá mais preocupado consigo mesmo e no que os outros vão pensar deles com a aparência, com a imagem em si, do que tipo: ficar olhando para aquela pessoa e falar: meu Deus, o cabelo dela, meu Deus, o jeito que ela tá agindo, meu Deus, ela tá toda tímida... Ninguém nem liga (Lucy).

Escreve Freud (1927/1996), que se existe algo que o neurótico teme, refere-se à castração simbólica. O sujeito teme que a falha no Outro não lhe dê sustentação subjetiva suficiente como sujeito. O relato de Lucy, hoje uma jovem de 23 anos, marca, a seu modo, a forma como constata a falta no Outro, quando ainda vivia o início do trabalho pubertário. Aos 18 anos é levada ao consultório de psicologia devido a sua dificuldade de permanecer em sala de aula durante o curso de medicina veterinária: “não suporto estar em sala de aula no meio de muita gente”, diz Lucy ao demonstrar a dificuldade em estabelecer vínculos sociais.

Tímida e de fala contida, suas expressões faciais divergiam do que emergia do discurso da mãe. Ao tomar a palavra, Lucy fala à analista de seus medos, afetos e comportamentos. Revela ter pesquisado sobre “seu mal” na internet, e o nomeia como “agorafobia”, declarando que realmente, como sua mãe diz, ela tem tudo o que os pacientes acometidos por esse transtorno apresentam. Desta forma, se cola no dizer da mãe. É

importante notar que na clínica com sujeitos adolescentes, os sintomas da fobia social, geralmente, vêm acompanhados de um certo isolamento, que põe à mostra um mal-estar que a adolescência traz para uma reedição.

Eu tinha um problema muito sério com relacionamento. Seja com pessoas, por exemplo, de amigos, com a família... Eu nem participava das coisas direito. Eu realmente me fechava muito, eu ficava fechada dentro do quarto. Era o único lugar em que eu me sentia... é... confortável. Acho que é isso, eu ficava totalmente desconfortável no meio de outras pessoas. E, me doía demais! Eu ficava pensando: Meu Deus, eu nunca vou conseguir formar uma família, eu vou morrer sozinha, eu nunca vou conseguir achar alguém... eu sou estranha... pensamentos depressivos mesmo (Lucy).

Filha mais velha de três irmãos, Lucy tentava se situar na dinâmica familiar, buscando localizar-se em relação a seu valor fálico para os pais:

Eu era a mais velha de 3 irmãos, de 3 filhos. E, sempre, desde mais nova assim, não sempre, mas desde muito nova eu tive que ceder lugar pros irmãos ou ceder alguma coisa porque eu era mais velha, ou ter que cuidar deles. Ao mesmo tempo, enfim, não era a escolhida. Eu nasci, aí depois a Maria nasceu, aí ela foi escolhida, depois o José nasceu, ele foi o mais escolhido ainda (Lucy).

Seus pais se separaram quando ela ainda estava na infância. Após a separação, por volta dos seus cinco anos de idade, as duas irmãs faziam visitas ao pai nos finais de semana, momento em que, segundo relato de Lucy, as duas irmãs foram molestadas sexualmente por ele. O fato foi descoberto pela mãe, tia e avó materna. Ao serem colocadas para dormir, uma delas conta para seu ursinho de pelúcia, ao lado da avó, sem saber que o que o pai havia feito se tratava de um abuso.

Assim, surgem sessões carregadas de falas duras, nas quais Lucy pôde levar toda a intensidade de seu sofrimento, que, por vezes, é abafado pela mãe, que faz incessantes tentativas de acalento. "O que mais me dói é pensar que não consegui proteger minha irmã daquele monstro! Eu vi quando aconteceu com ela, e não consegui fazer nada"(Lucy).

A angústia de Lucy gira em torno de uma frase que se repete muitas vezes, pois, segundo ela, o que "mais dói" é o fato de não ter feito nada para proteger a irmã. Esta cena lhe atormenta frequentemente. Estas questões nos ajudam a elucidar que talvez Lucy busque uma saída da lembrança do abuso vivido, através da inibição, inicialmente se mantendo isolada, evitando contato com outros garotos, ou seja, com o outro sexo e com questões da feminilidade. Posteriormente surge o sintoma da agorafobia. Os sintomas,

manifestos com a impotência da criança diante do ocorrido, "são assim uma ressonância às angústias de seus pais". A esse respeito, Dolto explica em seu prefácio (Mannoni, 1981) que:

É a criança que suporta inconscientemente o peso das tensões e interferências da dinâmica emocional sexual inconsciente em ação nos pais, cujo efeito de contaminação mórbida é tanto mais intenso quanto mais se guarda, ao seu redor, o silêncio e o segredo (p. 13).

Desde o abuso, o pai passa a ser assunto proibido no discurso da família. Segundo Lucy, após os abusos sexuais cometidos pelo pai, as duas irmãs não mais frequentaram a casa da avó paterna, diminuindo também a convivência com os demais parentes da família, tios, tias, primos e primas. Nenhum outro contato com o pai foi permitido pela mãe. O apelo da mãe por proteger a filha, a todo custo, estende-se a qualquer pauta sobre o caso em família. Hoje, a jovem ainda chora ao mencionar qualquer fato que a lembre dos abusos. Esse dizer é logo calado como se fosse proibido referir-se ao pai. O incômodo do assunto é visivelmente observado pela analista, chegando a produzir certo descontrole e angústia na mãe.

Lucy, por diversas vezes, esteve em consultórios de psicologia e psiquiatria às voltas com seus sintomas de fobia social, chegando a ser medicada com antidepressivos para, segundo ela, "suportar assistir às aulas na faculdade". Para a psiquiatria, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5, (Association et al., 2014), a agorafobia é considerada um transtorno de ansiedade que se caracteriza por um medo ou ansiedade acentuada e persistente de determinadas situações ou lugares com grandes aglomerações de pessoas, das quais ela não poderia escapar facilmente ou da qual não haveria ajuda disponível no momento. Algumas experiências vividas podem contribuir com o desenvolvimento da Agorafobia, a exemplo, a perda ou separação de algum ente querido na família, atos de violência infligidos sobre o sujeito ou mesmo a predisposição genética. No entanto, apesar de considerar tais contextos, observa-se que, sob o olhar da psiquiatria, os sintomas são colocados como algo externo e ruim, algo a ser extirpado do sujeito, já que não inclui a dimensão da subjetividade.

Do ponto de vista da psicanálise, Lacan (1985), no seu *Seminário livro 20 - Mais, ainda*, nos ensina que o sintoma, por natureza, é gozo e o gozo, sempre diz respeito ao sujeito. Este não faz um apelo ao Outro por interpretação. Os sintomas de Lucy, seus receios e sentimentos de insegurança, característicos da agorafobia, não pedem a interpre-

tação da mãe, mas parecem tentar delimitar um lugar 'seguro' que lhe caiba no mundo. Os 'novos sintomas', ou modos sintomáticos apresentados por sujeitos adolescentes, na contemporaneidade, como fobia, ataques de pânico, inibição ou demais expressões, estão na contramão de uma mensagem endereçada ao Outro. Sintoma como fixação de gozo.

Os efeitos traumáticos dos abusos paternos parecem repercutir nos sintomas da jovem Lucy. No caso da jovem, o lugar vazio do pai acaba por presentificá-lo pelo interdito materno de não poder falar dele. Não se pode falar do pai na família de Lucy. Assim, o trauma surge como o que não cessa de não se escrever, de não se elaborar. O fato é, ainda que esta pesquisa se depare com um pai tirano, a psicanálise nos apresenta um pai como lei do desejo e regulador da cultura na medida em que esse pai morto, mesmo que apenas no discurso da mãe, se torne ainda mais forte por sua inscrição simbólica.

A diferença entre o pai da realidade e o pai simbólico se mostra, como evidencia o caso Lucy, no fato de que, quanto mais a mãe se esforça para anular o pai em seu discurso, mais este presentifica-se. É o que esclarece Freud com sua impressionante sentença: "[...] o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo" (Freud, 1913/1996, p. 146). Dor (2011), em seu livro *O pai e sua função em psicanálise*, pontua que a função paterna, na Psicanálise, não está diretamente associada à existência de um pai biológico, mas à de "um pai investido de seu legítimo poder de intervenção estruturante do ponto de vista do inconsciente" (p.12). De outra maneira, entende-se que estará operando a função do pai aquele que intervém perante a economia do desejo do filho às voltas com o desejo da mãe: "não é pois necessário que haja um homem para que haja um pai" (p. 17). No discurso analítico a procriação não se reduz ao domínio biológico, e sim é tomada no campo simbólico. Lacan (1938/2003) enfatiza em seu texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, que a família não é natural, não é um fato biológico, mas um fato social. Nessas condições, trata-se menos de um pai encarnado do que de um ser essencialmente simbólico que estrutura nosso ordenamento psíquico como uma função. Para a psicanálise, o pai não remete ao pai físico encarnado, mas a um operador simbólico, que enlaça o sujeito ao Outro social, fazendo-o renunciar em permanecer como objeto de gozo da mãe. E, desse modo, o sujeito fica assujeitado numa sexuação pela operação de castração. A mãe é aquela que convoca o pai para esse lugar. E esta é a clínica que espera-se que o sujeito vá responder à sua falta-a-ser, a partir de um pai pulverizado, mas com novas invenções possíveis.

Januzzi (2019), em seu livro *Não é aqui, não é para nós*, recorre ao texto de Lacan *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, escrito em 1938, ressaltando que "quando a criança está na posição de resposta sintomática, isso não se refere unicamente ao desejo da mãe, mas ao desejo da mãe articulado do Nome-do pai"(p. 111). Somos, assim, levados a pensar que a criança sintoma se identifica com a verdade do par parental, da qual tem sua sustentação numa relação discursiva existente no enfrentamento ao Outro nesse laço social (Ferrari e Januzzi, 2019).

Atualmente, a mãe de Lucy refez sua vida amorosa. O padrasto em questão não se dá muito com Lucy, nem com os outros dois irmãos. No entanto, Lucy diz não conseguir sequer se aproximar de qualquer rapaz, para uma possível relação amorosa, mantendo-se, em alguns momentos, isolada por horas no quarto, sem contato com qualquer pessoa. Será preciso, então, descobrirmos onde começa o sintoma da filha e onde acaba a neurose da mãe. Já que Lucy, muitas vezes, se coloca como representante do que aparece como sintomático em sua relação com seus pais.

O fato da mãe não se apresentar agora apenas como mãe, mas também como mulher em sua nova relação amorosa, recai sobre o fato de que essa adolescente, em pleno despertar pubertário da própria sexualidade, precisa lidar com as evidências da sexualidade e do encontro com o real do sexo. O interdito se estabelece na relação entre mãe e filha e a adolescente agora tem que se haver com seu desligamento dos pais e seguir seu caminho rumo às novas escolhas objetais como sujeito desejante. Lucy tem que se haver com a castração materna e com a sua própria.

### ***3.1.1 Agorofobia e o real do sexual em Lucy***

A angústia de Lucy e o medo de não conseguir concluir sua formação acadêmica aparecem na primeira sessão, sendo mais tarde em futuras sessões, esquecidos pela adolescente. A analista se interroga se essa demanda é de fato de Lucy ou da mãe, já que nas sessões seguintes, Lucy traz outras questões com o corpo. Para ilustrarmos o modo como estas experiências se dão no caso, trazemos um relato de Lucy sobre alguns dos efeitos devastadores que carrega:

Na minha cabeça eu odiava meu corpo. Eu era muito magra, parecendo um esqueleto (já me disseram isso). Eu era reta na frente e atrás (me disseram isso também). Eu era baixinha, nanica (incontáveis apelidos na escola por isso). Eu não tava bem. O que eu queria pra mim era o oposto de tudo isso. Queria engordar mais, criar corpo, ter seios.

Porque pra mim eu não tinha nenhum. Ter bunda, ser mais alta... enfim, corpo de modelo. Ainda não estou satisfeita com meu corpo. Eu pareço uma criança de 12 anos quando na verdade eu tenho 23 e isso ainda me incomoda muito. Não me sinto mulher (Lucy).

Alberti (2009), dedicou longos anos de seu trabalho de doutorado, buscando respostas sobre as elaborações feitas por sujeitos adolescentes durante o período da puberdade. Momento do qual, segundo a autora, que segue o caminho deixado por Freud (1905/1996), o sujeito adolescente tem o desligamento da autoridade dos pais, como um dos mais importantes trabalhos executados nesse período. Destaca, sob o olhar da psicanálise, que o sujeito faz, nesse momento, elaborações e escolhas simbólicas que marcam seu posicionamento, dando-lhe um lugar no mundo, em direção à sociedade. A puberdade traz, originalmente, a marca do trauma a partir das transformações sofridas no corpo, onde “não há representações que dêem conta delas subjetivamente” (p. 191).

Assim, como já nos assinalava Freud, em seu terceiro ensaio sobre *A teoria da sexualidade* (1905/1996), o encontro do sujeito púbere com o sexo, sempre faltoso, implica necessariamente num mal-encontro, que coloca o sujeito diante de inúmeras possibilidades de escolhas, num posicionamento onde seu desejo é colocado em questão. Se na infância o sujeito podia se valer da fantasia para imaginar como seria essa cena do encontro com o Outro, na adolescência essa fantasia não lhe serve mais de amparo, ficando o sujeito à deriva de seus desejos. Sem um saber a priori, o sujeito vai a esse encontro. O ser falante, no momento do encontro onde não há o que dizer, o trauma se presentifica. O trauma reside na falta de representações, “[...] faz um furo na trama dos significantes [...]” (Alberti, 2009, p. 191). A saída da puberdade numa lógica do discurso.

As psicanalistas Marcos e Hallak (2022) em seu texto *A clínica do excesso e a adolescência*, salientam que "os sintomas contemporâneos parecem se sustentar em uma recusa do inconsciente e resistem a entrar no discurso" (Marcos e Hallak, 2022, p. 59). Lucy nos diz que o único lugar do qual se sente segura é aquele onde não tem que lidar com o Outro. Seu lugar de gozo não inclui o Outro. Atualmente, o que marca nossa época não é mais a renúncia ao gozo, mas seu imperativo. A constituição psíquica dos sujeitos, bem como a escolha e construção de sua neurose, vincula-se desse modo, a um novo modo de satisfação. Uma busca que se faz perene, porém sem objeto. A contemporaneidade oferta tantos objetos que o sujeito se angustia ao se ver diante de uma escolha que só é possível a partir de uma renúncia. Renunciar ao gozo não é tarefa fácil. Num cenário onde novas

formas de convívio vêm sendo organizadas na sociedade contemporânea, regida por leis de mercado que disseminam imperativos de gozo e satisfação imediata, a oferta de inúmeras possibilidades de escolhas é demonstrada por uma cultura de mercado, imperativo que se impõe ainda mais sobre Lucy.

No entanto, a jovem se permite uma abertura para viver suas primeiras relações amorosas. A escolha de objeto parece permitir uma abertura para que a travessia da infância para a vida adulta se ponha em marcha através de um consentimento de Lucy para com os preços que serão pagos nesta decisão. Assim, ela conhece San.

"San (O primeiro relacionamento amoroso), era o que eu precisava pra sair do quarto e começar os relacionamentos. Mas não o que eu precisava de relacionamento. [...] eu não tenho religião, mas eu sempre acreditei muito em Deus e parece que foi exatamente isso: Deus botou o San na minha vida pra me tirar do quarto e depois que eu me separei do San, eu fiquei acho que uns dois anos sozinha e aí meio que já destravou uma chavinha na minha mente, tipo assim: Pô, não é tão difícil relacionar. [...] Cara, as pessoas não são um bicho de sete cabeças [...] não é essa coisa de julgar o tempo inteiro" (Lucy).

Com esses três fragmentos, nos interrogamos sobre essa tentativa de Lucy de fazer laço com o Outro social, identificando-se com alguma coisa que se pareça com ela, com alguma coisa que lhe pareça familiar.

A analista adota a posição de nada desejar no lugar de Lucy. Este lugar precisa permanecer vazio para que ela própria encontre em seu discurso sua verdade, ainda que esta permaneça alienada na verdade dos pais. Os fragmentos citados parecem demonstrar aquilo que na mãe não pôde ser elaborado, mas que encontra eco nos sintomas de Lucy, que muitas vezes, não fará mais do que supor uma angústia materna. O "eco nos sintomas de Lucy" indica que esses aspectos não elaborados da mãe são projetados ou transmitidos de forma inconsciente, e Lucy os expressa através de seus próprios sintomas.

### ***3.1.2 A família margarina e o que ela oculta?***

É no espaço da análise que Lucy encontrará lugar para falar do segredo de família. A "família margarina", composta por mãe, pai e filhos, está em plena transformação. Por algum tempo, os comerciais de margarina se utilizaram de um modelo de família patriarcal e heterossexual como ideal de vida. Contemporaneamente, os vínculos afetivos são formados a partir de novos arranjos. O afeto pode surgir como ordenador que vincula e mantém as pessoas vivendo juntas e construindo-se em sociedade. As origens consanguíneas não

fazem mais sentido quando pensamos naquilo que faz com que mães e pais, ou aqueles que exercem essa função, “adotem” verdadeiramente todas as implicações existentes na convivência em família. Os conflitos familiares, as mudanças de geração se ancoram em outro lugar nos novos modos de organização familiar. No interior das novas configurações familiares, a transmissão opera a partir de lógicas que incidem sobre os, também “novos”, objetos de desejo. E, a partir disso, novos posicionamentos são observados em sujeitos envolvidos nesse complexo arranjo familiar. Uma nova ordem exige novos arranjos.

A psicanalista Kehl, pontua que a família nuclear, monogâmica e patriarcal, que predominou no ocidente, entre o início do século XIX e meados do XX, “foi o grande laboratório das neuroses tal como a psicanálise, bem naquele período, veio a conhecer” (Kehl, 2003, p. 163). Ressalta-se nesse ponto, a relevância dos efeitos do discurso capitalista que, ao fomentar sem cessar, o consumo de uma série de novos objetos que prometem tamponar a falta, convida o sujeito a negar a castração, tornando o gozo mais importante que o desejo, como salienta Lustoza, Cardoso e Calazans (2014).

Miller (2007), em seu texto extraído originalmente da conferência de encerramento da I Jornada de Psicanálise, em 1993, Valência, *Assuntos de família no inconsciente*, propõe uma definição de família, centrando seu ponto ordenador no segredo que existe no núcleo familiar. O autor traz o segredo do não dito em família, nos processos da constituição e dissolução do Édipo, como ponto central e ordenador que vai interditar o gozo da mãe introduzindo a metáfora materna. Diz Miller, “a família tem origem no mal-entendido, no desencontro, na decepção, no abuso sexual ou no crime” (p. 1). A partir desse fragmento, podemos afirmar que há sempre restos nos discursos trazidos na clínica, por sujeitos que trazem suas queixas a respeito das relações em família, onde tentam de alguma forma dar nome à sua neurose. À frente, o autor comenta que a família contemporânea parece ser “formada pelo Nome-do-pai, pelo desejo da mãe e pelo objeto a” (p.1). Assim, é possível perceber como as tradições e dimensões históricas da família dão lugar a diferentes modelos, onde a linguagem faz morada de um segredo sobre o gozo que se quer guardado, sendo este aquilo que universalmente une os seus membros formando vínculos.

Se partimos do princípio de que a família é o lugar do Outro, lugar onde se instauram os segredos dos não ditos da linguagem que formam seu vínculo afetivo, interessa-nos pensar quais as demandas desse Outro familiar são endereçadas aos sujeitos adolescentes

nessa relação edipiana, que, após a puberdade, toma forma de um desejo marcado pela falta?

As psicanalistas Guerra et al. (2019), em seu artigo *A família processual: pensando a filiação e a transmissão na contemporaneidade*, afirmam que, “no tocante ao objeto, a família se constitui como lugar do traumático” [...] (p. 209), pois tem origem no mal-entendido. As autoras citam Miller (2007), para dizer que “é o segredo, o não dito, o campo do gozo e do real que não se traduz, que configura, no final das contas, uma família”, e, desse modo, é preciso que a família dê o suporte necessário para que o adolescente possa se reinventar na sociedade, agora como adulto (Guerra et al., 2019, p. 210).

Mesmo que observados os referentes simbólicos a partir das funções materna e paterna que vão ancorar o adolescente em se reinventar no mundo, acreditamos que novas pesquisas serão necessárias, pois as mudanças nas novas configurações da família incidem sobre os sujeitos e seus corpos. Checchinato (2002), sustenta, em seu artigo *Psicanálise dos pais*, a partir de sua defesa de que os pais precisam entrar em análise se se busca trabalhar questões da sintomática observada na criança e no adolescente, que

[...] o certo é que não estamos mais na era (patriarcal ou matriarcal) das certezas; os pais estão a precisar e muito de uma ajuda a fim de descobrirem os caminhos de seus desejos e assim conseguirem alicerçar uma geração possivelmente menos neurótica, como sonhava Freud com a descoberta da psicanálise (p. 43).

Se “a família se constitui como o lugar do traumático” (Guerra et al., 2019, p. 209), o caso aqui escolhido convoca a discussão sobre a origem no mal-entendido, na decepção, no abuso sexual, marcada pelos não ditos do caso, segredos e traumas. Interessa-nos o modo como o trauma é revivido na repetição significativa no caso de Lucy, demonstrando como o sujeito enlaça seu gozo com sua pulsão.

Em seu artigo *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, Lacan (1938/2003) descreve o complexo como fator concreto da família, fator estrutural “constituído pelas relações sociais”(p. 33). O autor pontua que a família dirige demandas que vão além das necessidades instintuais, já que o desejo é parte latente, porém escondida, e “a pulsão é a parte não interpretável do dito” (Miller, 2007, p. 2), morada do segredo. Os modos dos membros de uma família contemporânea se relacionarem trazem o exercício de um deciframento de um desejo perene que surge nos ditos e não ditos da linguagem. Pois, toda família tem seu assunto proibido, o ponto de onde o sujeito apresenta sintomas que

vão substituir um gozo perdido.

As transformações sociais e históricas, impostas aos sujeitos, determinam e afetam os modos de existência humana. Guerra et al. (2019) ilustram uma importante contribuição de Lacan (1938/2003), atualizando a composição da estrutura ternária em Freud (pai, mãe e filho) para a estrutura atemporal quaternária em Lacan (Nome do Pai, Desejo da mãe, criança-enigma e significante fálico), postulando a universalidade da inscrição simbólica da operação edípiana em cada sujeito, independente da forma com que cada família se constitui. Nessa nova ordem é possível que outros sujeitos, que compõem e fazem parte das configurações de família, na atualidade, exerçam sua função como “a composição de um desejo particularizado, como função materna, e a lei de orientação ao desejo, como função paterna [...] no mundo simbólico” (Guerra et al., 2019, p. 211)guerra2019familia.

Desse modo, o sujeito terá que se reinventar ao achar saídas, mesmo que sintomáticas, articulando seu desejo, antes endereçado ao par parental e agora a outros objetos que lhe causam. O sujeito adolescente, às voltas com seu romance familiar, constrói possibilidades de ascender a desejos que lhe são próprios. Podemos considerar que essa busca a alguma coisa que enlaça o sujeito ao social é seu modo sintomático de se posicionar como adulto, nesse momento, sob essas circunstâncias. Se perceber como castrado não é o fim de um processo de constituição, mas seu ponto de partida de um mal-estar primordial que funda o modo que o sujeito se engendra na relação com suas escolhas objetais, dando-lhe um lugar como sujeito desejante. Lima e Santiago (2009) marcam que “o acesso ao simbólico tem como efeito a divisão do sujeito” (p. 4).

A partir da construção da cena edípica, o sujeito adolescente, às voltas com suas novas possibilidades de escolhas, recebe do Outro aquilo que o sustentará em sua busca pelas questões sobre seu ser e o ajudará na elaboração de seu novo posicionamento adulto.

Nesse sentido, Miller (2007) afirma que a família contemporânea pode se configurar por pessoas e pares nas mais diversas formas. Sendo que o que resta como ordenador comum às novas organizações familiares são as relações simbólicas construídas na transmissão e mudança de gerações. A dimensão simbólica do desejo e a nomeação dos objetos de gozo é o que resiste. Um resto que opera como um tipo de lacuna, que separa “o desejo do lugar do gozo”. Enquanto gozo, o sujeito tem um convite “à repetição do mal-estar”. Já no lugar do desejo, desloca o sujeito, tornando-o desejoso de uma falta situada no nível do Outro (Guerra et al., 2019, p. 209).

Não se pretende nesta pesquisa sustentar uma discussão acerca do conceito de família, e sim debruçar-se sobre a lógica que engendra as configurações familiares e os efeitos da função do desligamento da autoridade paterna simbólica sobre os sujeitos adolescentes em perene construção subjetiva. Como pontua Lacadée (2006) em seu artigo *A autoridade da língua*,

A família, sabe-se disso desde Freud, é o lugar de um “drama psíquico”, no qual “os desdobramentos tão importantes para o ser humano, como são os da repressão sexual e do sexo psíquico”, não se ordenam sem o laço de um discurso estabelecido pela via natural do significante. Assim, ao tomar a palavra nesse discurso estabelecido, o sujeito recebe uma forma de regulação do vivo que agita seu ser, que Lacan nomeava falasser. O gozo do vivo irrompe no corpo ou no pensamento da criança, no qual é acolhido “pelos modos de organização dessa autoridade familiar, as leis de sua transmissão, os conceitos de descendência e parentesco que lhe estão ligados [...]. A família é, então, o lugar onde se estabelece entre as gerações “uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental” (Lacadée, 2006, p. 1).

Em meio a esse cenário, propomos algumas reflexões sobre essa complexa travessia adolescente e suas questões sobre a sexualidade na sua amplitude e incompletude, seguindo Lucy nas tentativas de lidar com os efeitos dos excessos e abusos do Outro parental.

### ***3.1.3 Um pai que excede de sua função de pai?***

Os pais sempre procuram o analista por causa de alguma coisa do sintoma de seus filhos que os incomoda. Em pesquisa, assim como em análise, não nos fixamos na queixa, mas permitimos que esses mesmos sintomas sejam nossos guias, significantes que remetem o sujeito em questão a outros significantes cuja causa, dotada de sentido, surgirá no decorrer do processo. Nos interessa aqui, observar se é possível, a partir dos caminhos tomados por Lucy, diante das circunstâncias dos acontecimentos de sua história vivida, uma retificação das relações edípicas, um rearranjo dos significados do inconsciente, que proporcionam a mudança subjetiva ou, quiçá, um apaziguamento de seus sentimentos. A experiência de violência sofrida, principalmente aquelas experienciadas no corpo, pode trazer impactos para toda uma vida, desencadear lembranças que atormentam e, ainda, afetar o modo com que os sujeitos que viveram esse episódio respondem às suas questões.

Sabemos o quão estruturante são os significantes do pai. Durante o Édipo, o registro do nome daquele que se intitulou como pai para a criança tem uma enorme importância. Antes disso, o que se inscreve na criança, sem a referência do pai, provém

do que ela apreendeu do imaginário da mãe (Dolto, 1985).

Se, seguindo Freud e Lacan, a criança é objeto do desejo da mãe, no caso clínico trabalhado nesta pesquisa, nos parece evidente que Lucy é tomada no lugar como sendo o objeto do gozo do pai. Há uma oposição a se considerar nesse caso, a saber, na relação existente entre o "desejo da mãe e o gozo do pai"(Naveau, 2001, p. 108). Nos interessa saber em que medida é possível se desvincular do avassalador lugar de gozo do pai, sem se fixar como objeto de desejo da mãe. Lucy necessitará se ancorar no nada, no vazio, no resto, do qual poderia, enfim, emergir como sujeito.

Uma vez que o desejo do Outro surge para o sujeito como um enigma (Che Vuoi?), o sujeito tenta se posicionar de modo a ocupar esse lugar da falta, da qual não tem escapatória, nesse momento. O sujeito, desse modo, busca construir respostas da qual a inscrição do Nome-do-pai, mesmo que frouxa, tenha garantido o interdito materno e possa ancorá-lo em suas novas investidas pulsionais.

Assim, o sujeito se depara com um ponto de falha no Outro e se separa de uma posição alienante para, enfim, seguir como desejante. Dolto (1985), traz uma seleção de casos em *Seminário de psicanálise de crianças*, com os registros de supervisões e diálogos, em um trabalho envolvendo o analista, a criança atendida no caso específico, fisicamente ausente, e Dolto, da qual desenvolvem, a partir de perguntas dirigidas à autora e respostas que vão dando orientação nos casos analisados a partir do que há de específico na análise de crianças e adolescentes. Neste trabalho, a autora pontua que a "voz da mãe quando fala do pai ou quando se dirige ao pai tem mais valor significativo para a criança que o nome do pai como palavra"(p. 258). A mãe precisa convocar o pai a entrar nessa relação maternal inicial e se inscrever como o interdito do desejo materno. Para que, enfim, a criança possa desejar outros objetos que virão na tentativa de tamponar essa falta primordial.

Contudo, há, felizmente, uma diferença entre o Eu ideal, que a criança formula para si à imagem de um pai real, ou na carência de um pai, e o Ideal do Eu, construído no período da adolescência. Será Lucy capaz de abandonar o lugar do que há de sintomático na estrutura familiar?

A transmissão da autoridade da língua e dos elementos psíquicos estruturantes feita pela família, na contemporaneidade, tem-se mostrado um tanto solta. De modo que as crianças e adolescentes terão que apostar em sua subversão essencialmente criadora, inerente aos sujeitos que passam pela travessia da adolescência, ainda que pela via do

sintoma. De acordo com Lacadée (2006), em seu artigo *A autoridade da língua*,

É ainda necessário que eles tenham a chance de um encontro, aquele de um Outro que saiba "dizer que sim" a seus achados, acusando recepção de sua enunciação ou autenticando "o elemento de novidade que eles portam em si", o único capaz de fazer autoridade face ao real (p. 12).

A questão é saber qual preço a adolescente terá de pagar por essa nova escolha de objeto? Qual a solução inventada pelo sujeito ao atravessar pelo túnel das transformações da puberdade, abrindo mão de seus referenciais que lhe serviam de base e onde se ancorar? Suas tentativas de se enlaçar ao Outro sexo não são sem consequências.

### 3.1.4 *Tempo de compreender - tempo de elaborar*

Ao mesmo tempo em que o quarto, o meu quarto era um lugar de conforto pra mim, ele era um lugar que eu pensava assim, eu não quero ficar aqui pra sempre, [...] eu sabia que um dia eu ia ter que sair da casa da minha mãe, [...] era aquele conflito de aqui é bom, aqui eu gosto, mas nem sempre eu gosto daqui. Pras outras coisas que eu quero, aqui não me serve. E era exatamente o mundo lá fora que eu tinha medo, que eu tinha que enfrentar pra conseguir (Lucy).

O desligamento da autoridade dos pais, ao trazer em si a marca da castração e da interdição, incide sobre a sexualidade. Assim, o Édipo é o próprio interdito do gozo na família. As psicanalistas Cunha e Lima (2012) vão destacar essa delicada transição, em seu artigo *Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita*, dizendo que "o tempo da adolescência inaugura, portanto, a dimensão da separação" (p. 800).

O sujeito adolescente, de algum modo, sabe que tem que se separar simbolicamente de seus pais. Sabe que precisa fazer suas próprias escolhas, sabe que tem que encarar seu desamparo.

O momento atual em que vivemos, empobrecido de ritos de passagem, não tem favorecido aos adolescentes a elaboração de uma representação que os autentique um registro nos novos laços sociais estabelecidos. Em seu texto *Escritores criativos e devaneios*, Freud (1908/1996) sublinha com ênfase a propriedade criadora do sujeito em suas fantasias, e diz que "[...] nossos sonhos nada mais são do que fantasias" (p. 139), evidenciando o uso que o sujeito faz de sua fantasia como recurso para lidar com aquilo que se apresenta como real.

A capacidade criadora de Lucy de imaginar seu mundo e corpo ideais, investindo grande quantidade de sentimentos, "enquanto mantém uma separação nítida entre o

mesmo e a realidade" (p.136) parece ser seu modo singular de tentar se separar de suas referências infantis, fantasiando um mundo que mais lhe agrade. Nesse trabalho de separação Freud (1908/1996) esclarece que ao crescer o sujeito abdica de seu brincar, esforçando-se por levar uma nova vida adulta mais séria, mesmo que, em certos momentos, a reflexão sobre essas escolhas possa mobilizá-lo a descarregar parte desse peso no humor trazido pelas lembranças e prática de jogos. Paulatinamente, o sujeito utiliza-se de fantasiar para substituir o brincar. Sendo assim, Freud (1908/1996) salienta que,

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra (p. 136).

O sacrifício aqui colocado está naquilo que o sujeito está disposto a consentir ao lidar com "uma parte do gozo que aí se mostra em jogo" (Lacadée, 2011, p. 28). O preço diz respeito à sua castração, à castração materna e à falta encontrada, para que enfim o sujeito possa ser inserido no registro cultural. O sujeito assim, reivindica seu direito de gozar livremente. Se esse ponto de exceção não está mais nesse lugar, formando a barreira sobre a qual os sujeitos poderiam se apoiar, qual seria a saída inventada pelo nosso sujeito de pesquisa, em sua tentativa de se desligar de seus pais? Qual seria esse *ponto de onde* se situar o que se origina a transmissão paterna, quer dizer, a autoridade e respeito da palavra do Outro (Lacadée, 2006)?

#### 4 SAÍDAS POSSÍVEIS DA ADOLESCÊNCIA

A saída da adolescência é uma escolha do sujeito. E, por vezes, observamos tentativas de se enlaçar ao Outro social, como uma das formas de não mais falar desse lugar de objeto materno, sempre à disposição da satisfação de seu par parental, mas sim como sujeito que deseja. O objetivo deste artigo é identificar e analisar saídas oferecidas a partir de fragmentos do caso clínico de uma adolescente. Portanto, não são apresentadas respostas definitivas ou soluções simplistas para questões tão complexas. A partir dos relatos coletados e da construção do caso, observou-se uma travessia da adolescência como modo de resposta ou possíveis saídas apontadas pela adolescente em questão, numa tentativa de se enlaçar na cadeia de significantes integrando-a nas relações sociais. A família sendo considerada como aquela que estrutura o sujeito e a criança como aquela que porta um sintoma que traduz o que há de sintomático em seu arranjo familiar, nos conduz a um caminho, a uma saída, que pode ser observada no caso apresentado nessa pesquisa, da qual Lucy nos mostra em seus relatos e construções. Lucy vai construindo suas relações, do modo que acha possível a partir dos aparatos psíquicos que possui e, de um modo singular, responde às suas questões.

Extraímos algumas dessas saídas possíveis nos modos sintomáticos observados por Alexandre Stevens (2004), em seu artigo, proferido numa conferência na Universidade de Paris, intitulado Adolescência, sintoma e puberdade. No referido texto, Stevens defende a ideia de que a adolescência seria um sintoma que pode surgir no período da puberdade. A primeira delas é “a escolha de uma posição quanto ao saber, [...] como um modo de substituição desse saber sobre o mundo pelo lugar do saber que falta sobre o sexo”. A segunda resposta possível, segundo esse autor, seria a de inventar identificações imaginárias e simbólicas no “enlaçamento ao Outro, ao desejo do outro sexo”. E a terceira resposta encontrada por esses sujeitos seria referente à falha na fantasia já construída na infância e que agora não lhe atribui mais sentido (Stevens, 1998/2004, p. 4)

As possibilidades aqui apresentadas por esse autor convocam à reflexão sobre como as transformações da pós-modernidade vêm suscitando posicionamentos disfuncionais a um lugar socialmente esperado e idealizado pela sociedade contemporânea, para esses sujeitos adolescentes, que vêm sofrendo por não darem conta de responder a partir desse lugar. Sem a preocupação de uma reeducação ou readaptação desses sujeitos, visto que essa não faz parte da prática em psicanálise, nos ancoramos nas possíveis saídas apon-

tadas por Stevens (1998/2004), na tentativa de trazer à luz norteadores capturados na construção do caso apresentado nessa pesquisa.

O desligar-se da autoridade dos pais, como já apontado por Freud (1905/1996), como um dos trabalhos mais dolorosos, porém mais importantes feitos na adolescência, implica, segundo Lacadée (2011), certo embaraço com as novas escolhas objetais suscitadas pelo despertar de fantasias e sonhos, levando o sujeito a se defrontar, em seu encontro com o Outro sexo e suas formas de gozo. “[...] há o exílio na adolescência: devido ao real da puberdade, o sujeito é exilado de seu corpo de criança e das palavras de sua infância, sem poder dizer o que lhe acontece” (p. 75).

Desse modo, a adolescência se mostra como o “mais além” do Édipo, aquilo que excede da operação feita pelo sujeito em sua constituição psíquica, na elaboração e dissolução de todo esse complexo, deixando o sujeito à deriva de uma falta que, para sempre, funda a busca pela satisfação de seus desejos sempre incompletos. Assim, citaremos alguns marcadores achados no caso clínico que nos permitirão trabalhar os equívocos da língua nas relações estabelecidas. Tentaremos alinhar esses marcadores capturados no caso com as saídas apontadas acima por Stevens (1998/2004).

Lucy está às voltas com as questões trazidas pela imposição que recebe de não se encaixar nos padrões esperados socialmente. Quando Freud (1923/1996) faz sua definição do eu, pontuando que se trata de um precipitado de identificações, os fragmentos aqui recolhidos demonstram que essas identificações são resultado das escolhas e relações objetais feitas pelo sujeito em sua travessia da adolescência. A cada escolha ou investimento objetal do sujeito, recolhemos um traço que se inscreve no caso da adolescente aqui apresentada.

#### **4.1 Uma nova invenção sintomática do sujeito**

Em síntese, eis aqui (entre aspas) alguns fragmentos do caso pesquisado, acerca do que se pode extrair das invenções sintomáticas de Lucy.

Lucy narra experiências e conta suas dificuldades de se enlaçar com seus pares. A esse respeito, Checchinato (2002) nos mostra que é na fala que se constitui um sujeito, e é na fala que o sofrimento psíquico ou mesmo físico se especifica. O sujeito ignora que possui dentro de si o material da sua cura. O sujeito não é “descolado” de um contexto social-histórico, mas faz parte dele e se inscreve a partir daquilo que é possível psiquicamente

responder nas vicissitudes vividas. O adolescente constitui, com certeza, uma categoria importante, pode-se dizer mesmo central, nas representações sociais na atualidade, sendo foco de estudos, tema de livros e lugar de preocupações, num contexto definido em termos de suas interações e implicações.

Diz-se em psicanálise que a adolescência, como um significante do Outro, significante da cultura, se situa num momento em que o sujeito faz tentativas de posicionamentos, em um tempo lógico próprio, após a saída da infância, deixando de ocupar um lugar cativo, fora do domínio estrito da família, para a dimensão do olhar do Outro na sociedade. Nesse sentido, esse rito de passagem, entre a alienação e a separação, prepara o sujeito para a sua operação subjetiva, onde se dá a divisão do sujeito, deixando de se colocar como objeto de amor sempre pronto à satisfação do Outro, para um sujeito para sempre desejoso. O que viabiliza esse balizamento é a linguagem. O ser falante, desse modo, se engaja na cadeia significante pelo sacrifício envolvido nesse rito, extraindo “algo de separado” de si (Lacan, 1963/2005, p. 242).

Lucy ao se identificar com o discurso da mãe, apresenta sintomas como os mesmos pesquisados na internet do transtorno da Agorafobia, encarnando o que há de sintomático do par parental no que se refere ao segredo de família. O que não pode ser dito, também não pode ser elaborado. Trata-se de uma saída criada, uma saída encarnada na adolescente que parece responder ao recalcado materno. Se os sintomas são representantes de uma verdade, cabe-nos elucidar os caminhos que Lucy nos apontará de seus desejos. Checchinato (2002) revela que “a luta do filho será a de concretizar seus próprios desejos, conciliando-os com os desejos dos pais ou deles se libertando” (p. 49).

Outro fragmento retirado dos relatos do caso clínico apresentado nesta pesquisa será citado, seguido das notas da pesquisadora.

Uma coisa que eu descobri comigo, [...] de problema que eu acho que eu tinha, não problema exatamente, mas eu tinha um traço muito forte de rejeição dentro de mim. Eu não sabia. Tinha algumas coisas que eu ficava pensando e que eu não conseguia entender de onde que vinha os pensamentos. Daí eu fui meio que ligando os pontinhos. Eu acho que isso tem a ver com rejeição. Porque era meio que uma coisa assim: meu pai não me rejeitou, mas, de certa forma, rejeitou né, porque ele não foi pai (Lucy).

O abuso sofrido por Lucy é marcado em vários relatos e encontra lugar em todos os seus discursos. Um pai que teria que ser o único da exceção, aquele único que não

poderia vê-la como mulher, assim o fez. Um pai tirano, que abusa da sua função de pai. E, desse modo, “o lugar da criança, na estrutura familiar, é sempre um lugar sintomático” (Checchinato, 2002, p. 44). O trauma vivido se revela como um “mau encontro com o real” (p. 61). Não raro o trauma não acha laço com o discurso e esse drama é vivido e sentido por outros da família, sendo a única escapatória do sujeito, o de se separar.

Ainda hoje, transformar em palavras a vivência dos abusos provoca dor. Esse é um dizer que é logo calado como se fosse proibido referir-se ao pai. O incômodo do assunto é visivelmente observado, um discurso que se cala, um silêncio que mortifica e mantém de fora a possibilidade de reelaboração. Um pai que caía de sua função paterna e um sujeito à deriva diante das incursões de uma mãe que excede inconscientemente de sua função materna. “Há uma complacência mútua e uma convivência tácita” (Checchinato, 2002, p. 44) entre mãe e filha, na difícil tentativa de salvar-se.

Estaremos observando um declínio da função paterna a qual estaria relacionada à importância do lugar que ocupa o pai no discurso da mãe? Se, como aponta Checchinato, o êxito dessa operação “depende do caso que ela, a mãe, faz da palavra do pai” (Checchinato, 2002, p. 44), de que modo Lucy se arranja para inventar sua saída? Como se enlaçar e onde se ancorar numa operação um tanto falha? Se é preciso que a mãe convoque o pai para responder desse lugar estrutural familiar, o lugar ocupado por Lucy será sempre sintomático. Pois, na concepção que Lacan elabora, “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar” (Lacan, 1938/2003, p. 369).

Em *Nota sobre a criança* (1983/2003), Lacan nos esclarece sobre a importância da transmissão subjetiva exercida pelo par parental na constituição psíquica do sujeito. O autor aponta duas possibilidades, duas notas, que inconscientemente, o sujeito acaba por se vincular na tentativa de se separar simbolicamente de seus pais. Sendo elas: respondendo como sintoma ao que existe de sintomático na estrutura familiar, sendo assim a verdade do casal parental; ou como sintoma que vem da subjetividade da mãe, por uma falha na fantasia materna, submetendo-se a tamponar a falta da mãe, ocupando o lugar do objeto. Nessa relação dual com a mãe, a criança [...] “aliena em si qualquer acesso possível da mãe a sua própria verdade, dando-lhe corpo, existência e até a exigência de ser protegida” (Lacan, 1969/2003, p. 370).

Lucy, esteve em acompanhamento com profissionais da Saúde, na tentativa de

suportar seu mal-estar nos desencontros da relação com o social. O mal-estar era tanto, que foi necessário trancar o curso superior, já em plena atividade. Se o mecanismo do recalque falha, se algo do real que deveria ser barrado emerge no sujeito tornando a angústia mais uma vez insuportável, uma saída possível pode ser esconder-se no sintoma. Nota-se aqui a razão de Freud (1926/1996), ao descrever o funcionamento do ego, dizer que o sujeito, em função de evitar a angústia, antecipa o perigo imaginariamente. E, desse modo, recorre ao seu mecanismo de defesa inibindo-se e produzindo sintomas. A sala de aula parece se tornar, mesmo que imaginariamente, o lugar de desencadeamento de sua angústia. Lugar do qual Lucy procura evitar fazendo-se valer de uma fragilidade simbólica.

Ter um relacionamento amoroso, para Lucy, nesse momento, ainda permanece em suspenso. Imersa num sofrimento silencioso, vai-se arranjando com os seus mecanismos de defesa, a timidez, o isolamento, os choros, protegida de uma possibilidade de uma frustração/castração que, sem saber, já está inscrita em sua constituição psíquica, desde a tenra infância.

Eu não gostava que os meninos me tocassem. Tipo, um abraço normal, algum toque que fosse mais íntimo ou sei lá. E essa coisa do abraço eu fazia até com minha família. Eu não gostava que minha mãe ficasse me abraçando; quando ela fazia, eu não a abraçava direito e só esperava ela me soltar (Lucy).

O corpo como algo a ser protegido? As vivências de Lucy se presentificam de modo angustiante no toque do outro. O momento vivido na atualidade é remetido a um passado de dor e sofrimento, que insiste em permanecer presente. Assim, como no Caso Dora, em *Fragmento da análise de um caso de histeria* (Freud, 1905/1996), é no corpo que Lucy expressa sua sofrida tentativa de tornar-se mulher. No caso citado, Freud constata que alguns dos sintomas apresentados podem ter sido produzidos anos antes do trauma. Nos diz Freud: “como é tão frequente nos casos clínicos de histeria, o trauma que sabemos ter ocorrido na vida do paciente não basta para esclarecer a especificidade do sintoma, para determiná-lo. . . [...]”. Desse modo, o “não” de Lucy, sempre presente em suas negativas, nos convoca a pensar em um “sim”, já que, segundo Freud, “nenhuma outra espécie de ‘sim’ pode ser extraída do inconsciente; não existe, em absoluto, um ‘não inconsciente’” (p. 62). Não apenas Lucy repete a sua fixação no trauma do abuso sofrido, mas este acentua-se na proibição de trazer o assunto para o diálogo, para que as palavras ditas possam, de

alguma forma, produzir sentido e, quiçá, reelaborar o afeto oculto e guardado.

O fato da mãe se engajar, como sujeito dividido em sua nova relação amorosa, provoca um movimento em Lucy. Lacan nos adverte, em *Nota sobre a criança*, do risco aqui observado quando não há mediação exercida pela função paterna, ou, quando essa mediação se inscreve de modo frouxo, deixando "a criança exposta a todas as capturas fantasísticas" da mãe (p. 369). No entanto, parece-nos que exatamente essa nova relação amorosa da mãe assume aquilo que assegurará uma inscrição simbólica (Lacan, 1969/2003).

Miller (2007) ilustra em seu texto *Assuntos de famílias no inconsciente*, que a metáfora paterna remete a uma divisão do desejo à qual impõe que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno. Para que a inscrição simbólica do Nome do pai opere, há uma condição de não-tudo, que o objeto criança não deve ser tudo para o sujeito materno, mas que o desejo da mãe deve se dirigir a um outro. Diz o autor que "a metáfora paterna é como a encarnação da substituição da natureza pela cultura" (p. 4). Assim, o sujeito constrói um novo caminho que redirecionará sua pulsão em direção a objetos alhures.

O receio de Lucy relatado na clínica e capturado em um dos fragmentos na construção do caso é o de não conseguir concluir sua formação acadêmica. Fato que só aparece na primeira sessão, sendo mais tarde em futuras sessões, esquecido pela adolescente, levando a interrogar-se se essa demanda é de fato de Lucy. Em sua tentativa de se separar da autoridade parental, Lucy apresenta sintomas que a mantêm, no "exílio de seu próprio gozo, que, em vez de se relacionar com o Outro, exila-o ainda mais numa solidão que não pode traduzir em palavras" (Lacadée, 2011, p. 75).

A fase escolar pra mim foi a pior parte da minha vida! Minha vida dos 12 aos 17 foi horrível. Eu era muito tímida, e isso refletia nas minhas ações de um modo muito ruim. Eu não conseguia ter uma conversa normal com meninos, de jeito nenhum. Só lá pros 16, 17 eu fui formando amigos homens e conversando de boa, e realmente gostava muito deles (Lucy).

Lacadée (2011), em seu livro *O despertar e o exílio*, nos diz que o adolescente, em face de sua metamorfose, se confronta com sentimentos ambíguos, que trazem impasses e vazios, podendo levá-lo a desgostar de si mesmo, de seu corpo, causando certa estranheza "dessa coisa nova" (p. 28) que surge.

"Minha mãe sempre sabe o que é melhor pra mim" (Lucy)! Dizendo isso, conta o modo como a mãe conseguiu uma consulta quando lhe foram medicados antidepressivos,

utilizados durante alguns meses, até que os sintomas da “agorafobia” desaparecessem. Lucy anuncia a verdade e a força da palavra da mãe. Checchinato (2002) nomeia esse discurso como um “discurso fechado”. Aquele em que o filho se vê enclausurado no dizer da mãe. [...] É a leitura que dele a família consegue fazer para melhor se adaptar às angústias do retorno do recalcado [...], na mãe.” (Checchinato, 2002, p. 59). Lucy nos mostra, até mesmo sem ter a consciência disso, o quanto “a criança doente é o representante ou o suporte do mal-estar parental, mas de um mal-estar que se quer guardar fechado”. (Mannoni, 1967 apud Checchinato, 2002, p.59). A adolescente não terá outra função que, como objeto, revelar a verdade do par parental.

Esse modo de Lucy se posicionar no social nos remete a pensar que talvez ela sinta que, em companhia de sua mãe, nada de ruim lhe aconteceria, mas, em meio a outros no social, perdia toda a segurança. Para enfrentar isso, a solução encontrada foi identificar-se com a mãe. Nos interessa pensar sobre esse suposto saber sobre o corpo de Lucy. Quais as novas invenções o sujeito será capaz de operar em seu corpo a partir do simbólico? O olhar da mãe pode ser exatamente aquilo que vai marcando a relação de Lucy com seu corpo.

Nos parece evidente que uma saída possível desse mal-estar seria a possibilidade da inscrição exercida pela função paterna. A entrada de um outro, de um interdito. Nesse sentido, Lacan nos esclarece:

Aquilo sobre o qual nós queremos insistir é que não é unicamente da maneira como a mãe se acomoda com a pessoa do pai que conviria se ocupar, mas do caso que ela faz de sua fala, digamos a palavra, de sua autoridade, dito de outro modo, do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei (Lacan, 1967, apud Checchinato, 2002, p. 47).

"Eu nunca gostei de sair pra festas ou algo parecido. Eu não tinha coragem suficiente pra isso. Gostava de ficar no quarto trancada lendo ou desenhando"(Lucy). Ignorar as transformações que aconteciam era a forma com a qual Lucy fazia da adolescência uma resposta sintomática (Stevens, 1998/2004). Aquela que escapa à simbolização, podendo, como nos alerta Lacadée (2011), enviá-lo à solidão ou ao sentimento de incompreensão pelo Outro. A tese de Lacan, sobre a questão da relação de objeto como nos lembra Lacadée (1996), em seu texto *Duas referências essenciais de J. Lacan sobre o sintoma da criança*, “é que a criança se oferece, ou oferece seu sintoma em resposta ao que há de sintomático na estrutura familiar” (p. 2). A adolescente em questão na nossa pesquisa,

enquanto sujeito dividido, faz parte como membro da estrutura familiar, mas não apenas.

Em meio a falas recorrentes sobre sua dificuldade de permanecer em sala de aula, a análise de Lucy vai revelando sua dificuldade com o saber, com um não querer ou não poder saber. Segue em um luto não elaborado, na separação dos pais ainda não concluída, uma 'cola com a mãe', vínculos obscuros e na tentativa de criar e sustentar sua própria demanda.

[...] eu também chorava muito. Eu achava minha vida horrorosa, me achava horrorosa e vivia constantemente dizendo que nunca um garoto ia gostar de mim. [...] Eu assistia muito filme da Disney, o que eu acho que piorou um pouco, porque eu fiquei com esse complexo de princesa que acha o príncipe encantado (Lucy).

Segundo Lima, Berni e Lisita (2023), a experiência da puberdade retira o véu e revela o real do gozo, na impossibilidade de uma amarração simbólica. "O púbere é confrontado com a inexistência da relação sexual e com a inconsistência do Outro, o que o leva a se desligar da autoridade dos pais. Os adolescentes percebem que os pais falham"(p.1).

O sofrimento de Lucy é marcado em todas as sessões com choros frequentes, relatos de fatos desconectados de um contexto e certo constrangimento em manter o discurso de ter que odiar o pai. O desaparecimento da imagem do pai no discurso da mãe parece reviver o sofrimento de Lucy todos os dias. E os efeitos dessa proibição do dizer são demonstrados na recusa em se relacionar amorosamente. Uma repetição do trauma que se faz perene.

Contudo, um pai velado no discurso não significa que não houve inscrição. Sem dúvida, ele fez uma marca. Se inscreveu simbolicamente a partir da marca do abuso. É importante destacar que o posicionamento da mãe parece indicar um desejo de proteger sua filha, a todo custo, de uma dor que vem marcada por um pai que excede do seu lugar de pai. O sintoma de Lucy vem como representante de uma ausência. Modo singular de representar a verdade do casal parental. Nota-se aqui uma resposta do sujeito a partir de sua única linguagem disponível. A mesma que não dará conta de tudo, mas que é seu representante nesse momento, levando a cabo sua neurose. Como o neurótico teme a castração, Lucy faz sua tentativa de salvar as imagens idealizadas que restam da cena edípica. A função do sintoma vem recobrir e ocupar o lugar vazio deixado ao enigma para sempre aberto, daquele que será o seu novo objeto de desejo. A questão aqui colocada

nos remete a importante reflexão: se tomamos a adolescente como posição resposta do sintoma do par familiar ou posição sujeito, aquele que deseja, mas que não cessa de não se inscrever.

Mas eu não era bonita. E eu sabia muito bem disso. As roupas que eu usava eram sempre largas, eu tinha vergonha da minha magreza. Tinha vez que eu chegava a usar uma calça legging por baixo da calça jeans pra não ficar tão fina dentro da roupa. Quando foi passando os anos foi piorando, porque minhas amigas já tinham um corpo legal, minha irmã mais nova estava criando corpo também e eu lá... parada nos 11 anos (Lucy).

Observamos que Lucy só consegue se ver a partir de filtros que vêm tamponar o real do corpo, tamponar o que a incomoda. Lucy traz um corpo que sofre pela verdade que acredita possuir na palavra que o nomeia. Um corpo de que sofre 'de verdade'. Não da verdade propriamente de algo que existe, mas que sofre pela verdade que encarna do seu par parental. Uma verdade que adocece. Uma verdade que é indizível. Uma palavra amarrada a algo que acontece no corpo. Todo acontecimento corporal é um sintoma de corpo. Mas nem todo sintoma de corpo é um acontecimento corporal. O corpo tomando lugar da falta de saber própria ao encontro com o outro sexo, na experiência adolescente, levando o sujeito a se nomear de modo singular, inventando uma saída que seja capaz de suportar. A respeito do tempo e efeito das palavras e ações sobre o sujeito, Lacadée (2011) ressalta que "o discurso, importante para aparelhar o gozo numa cadeia significativa que o articularia ao laço social, não ajuda em nada esses adolescentes" (p. 69).

## 4.2 O trauma do trauma

A angústia e o isolamento, afetos ligados à culpa sentida por Lucy, e revivida a cada relato, jamais aplacadas, acarretam novos posicionamentos e o aparecimento de sua neurose.

Em seu texto *Recordar, repetir e elaborar*, escrito pela primeira vez em 1914, Freud nos ensina um importante apontamento sobre aquilo que o sujeito esquece, recorda e repete. O autor nos diz que aquilo que aparece, com muita frequência, nos relatos em análise, palavras e comportamentos que se repetem, na verdade, "nunca poderia ter sido 'esquecido', porque nunca foi, em ocasião alguma, notado - nunca foi consciente" até esse momento em que o sujeito o coloca em palavras, trazendo à tona a experiência vivida, mas só agora representada (Freud, 1914/1996, p. 164).

Os modos sintomáticos os quais se percebem nos atendimentos a esses sujeitos vêm ao encontro ao que Freud (1926/1996), no seu texto *Inibição, sintoma e ansiedade [angústia]*, menciona a respeito da inibição como uma limitação funcional do eu, ocorrida na tentativa de evitar a ansiedade ocasionada em situações conflitantes vividas por esses sujeitos. A inibição como resposta ao que há de sintomático na relação com o Outro, no caso de Lucy, com seu par parental.

O 'sintoma somático': o choro, não conseguir permanecer em sala de aula, a inibição, a angústia, a dor de cabeça inespecífica, o não conseguir dormir, o sono agitado ou intermitente, a cola com a mãe. São inúmeras as manifestações que servem como um suporte à uma verdade insuportável: 'um corpo que mata'.

A cada fragmento do caso apresentado, nos é imposto a mesma questão: que há, de não capturado em palavras, que se imobiliza, se fixa no sintoma de Lucy? De que desordens podemos chegar ao falar das transformações da puberdade, sem cairmos na armadilha da linha tênue da normalidade? A vivência de um abuso sexual poderia resistir ao surgimento de um trauma?

O abuso sofrido, a violência patriarcal vivida por Lucy nos convoca a examinar de forma mais atenta os efeitos e reverberações causados num corpo em transição. Por vezes, observa-se na clínica que, quando ocorrem abusos durante a infância, nem sempre o sujeito dispõe da compreensão do que essa experiência se trata. Passado esse período e então submersos às transformações corporais e psíquicas da puberdade e, por que não dizer, das questões pulsionais experienciadas neste período, é que então, de fato, o sujeito se dá conta, de modo devastador, daquilo que lhe aconteceu.

Quando o sujeito fala destas coisas "esquecidas", retidas nas lembranças da infância, não é que aquilo foi recordado em outro momento da vida do sujeito, mas sim foi existente para a consciência pela primeira vez. Como nos diz Freud (1914/1996),

[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo (p. 164).

Lucy repete a vivência de seu trauma de infância, não quando se recorda dele, mas atuando-o na escolha de se isolar socialmente, protegendo seu corpo, configurado como infantil ainda em seu imaginário e assim mantendo-o indesejável ao olhar do outro, produzindo sua fobia. "O paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições

da resistência", aquelas armas de seu mecanismo de defesa que lhe temos que arrancar uma por uma. (Freud, 1914/1996, p. 167). Lucy experimenta esse ato como algo novo, uma força atual e viva, não do passado. Mas é apenas a partir de sua própria construção em atuar que o sujeito transforma sua realidade. Tornar o paciente consciente de sua resistência não vai cessá-la.

Na escola, eu tinha umas coisas bobas, na educação física, quando as professoras escolhiam dois capitães, aí os capitães iam escolhendo as pessoas que queriam no time e eu era a penúltima... eu só perdia... eu só ganhava de uma menina que era magrinha também, ela era igual eu, bem na dela e ninguém queria no time, ou então também pra fazer grupo. Nó! Pra fazer grupo em escola, eu penava, porque eu tinha que implorar pras pessoas me deixarem entrar no grupo. Sempre já tinha aquelas pessoas que eram amigas e aí normalmente, na maioria das vezes, eram 4 pessoas no grupinho e eu era a quinta pessoa de amizade ali, então, se ia sobrar alguém, sempre sobrava eu (Lucy).

Como é frágil a areia que nos serve de base! Dolto escreve, de modo brilhante, em um prefácio ao livro *A primeira entrevista em psicanálise*, de Mannoni, já citado, a respeito do lugar mutilador que ocupam as escolas, da criatividade da pessoa humana, salientando que: [...] a escola não é para todas as crianças o lugar de alegria e o refúgio onde elas encontram repouso para as tensões familiares, a confiança em si, um meio social vivo, uma ocupação atraente (Mannoni, 1981, p. 26).

A autora nos alerta dizendo que existe uma escolarização obrigatória, uma disciplina passiva, em nome de um programa escolar, que os obriga a calar-se, a permanecer imóveis em suas carteiras por horas, se submetendo a longos períodos de tarefas que eles ainda não tiveram nem mesmo desejo de conhecer. Dolto comenta que "a adaptação escolar é agora, à parte raríssimas exceções, cumpre dizê-lo, um sintoma maior de neurose" (Mannoni, 1981, p. 27).

O caso aqui tratado ilustra bem esse panorama. O período escolar marcou Lucy em vários momentos e de várias formas. Podemos afirmar, a partir de seus relatos, que alguns deles ainda permanecem presentes e se expressam no real de seu corpo. Os efeitos do discurso do Outro, a profundidade no alcance que a linguagem chega toca nos conteúdos do inconsciente, afetando a ideia que construímos de nós mesmos. Perverso mecanismo de desconstrução subjetiva.

Teve uma época [...] que tava rolando uma brincadeira de marcar as pessoas da sua turma, relacionando-a a características. O nome da brincadeira era "Toda sala tem". [...] Eu fui marcada por duas amigas. Uma

colocou que eu era "a irritada" e a outra colocou que eu era "o vegetal" [...] hoje tenho uma ideia melhor de como eu era vista na escola [...] (Lucy).

O sentimento de não se haver integrado ao grupo escolar produz afetos devastadores. São observadas nas escolas, energias sufocadas com um sistema escolar que oprime e mutila curiosidades próprias da infância e adolescência. Com certa frequência, observamos na clínica com adolescentes uma dificuldade da qual eles mesmos não conseguem traduzir em palavras a angústia, a vergonha e o horror de alguns momentos experienciados.

Tendo em vista que neste estudo busca-se pensar os modos sintomáticos em que se arranjam uma jovem, na difícil tarefa de viver a adolescência, diante das transformações da contemporaneidade, destaca-se a importância da proibição do incesto que, segundo Freud (1905/1996), participa da origem da civilização e está intimamente ligada com as questões da sexualidade, abordadas na teoria edípica. Essa dinâmica torna-se especialmente evidente em organizações familiares marcadas pela dificuldade de expressar o sofrimento psíquico ou de lidar com experiências que desafiam padrões sociais estabelecidos. O desligamento da autoridade parental deve ser cuidadosamente examinado, pois para cada sujeito o sofrimento psíquico se mostra de um modo singular, naquilo que, contemporaneamente, chamamos de laços familiares.

A possibilidade de saída apontada por Lucy pode estar na transformação de sua demanda que chega em forma de queixa na retificação subjetiva que a implica na produção e manutenção de sua condição de sofrimento. Essa possibilidade nos remete àquilo que Freud (1905/1996) diz à Dora, sobre a sua responsabilidade na desordem da qual ele se queixa, implicando assim o sujeito na experiência própria como responsável por aquilo que causa, mesmo que de modo inconsciente, seu sofrimento.

Eu me sentia mal com meu corpo, então comecei a me imaginar com um corpo legal, do jeito que eu queria. Eu era muito tímida com garotos, então me imaginava conhecendo meu príncipe encantado. Na verdade, eu acho que torcia para isso acontecer mais do que tudo. [...] Não sei direito o que eu sinto, parece angústia mesmo, e nem sei o porquê eu sinto, mas é o mesmo sentimento que eu tenho quando estou envergonhada por algo (Lucy).

A imagem atinge uma significação dos conteúdos do inconsciente de modo mais profundo. Assim como toda linguagem, as palavras nem sempre produzem sentido que possa ser elaborado, por mais que se queira. Ainda que se trate de um sujeito desejante, ele pode vacilar de seu desejo. O autor Lacadée (2007), em seu artigo A passagem ao

ato nos adolescentes, salienta que "o adolescente é parasitado pelas suas pulsões sexuais, que podem ocupar toda a cena de sua vida, e das quais ele pode ter vergonha"(p. 4), demonstrando que o real pode trazer um insuportável sofrimento ao sujeito, dando-lhe uma única opção como mecanismo de defesa: seu imaginário. Fato que corrobora a tese de Freud de que o adolescente pode demorar-se nessa face do seu desenvolvimento.

A adolescente vacila no real presente no discurso. A questão que se defronta em seu encontro com o Outro sexo é então, desse modo, exilando-se ainda mais em solidão, em vez de fazer a tentativa de se enlaçar ao Outro. O despertar dos sonhos de Lucy aparece em forma de angústia ao se deparar com um corpo que já não se reconhece. O primeiro despertar sexual a mantém em um tempo em perene instante de ver (Lacan, apud Oliveira e Hanke, 2017), numa tentativa que não cessa de não se inscrever. O autor pontua que na puberdade o sujeito não pode mais contar nem com suas fantasias infantis ou seus referenciais, nem mesmo com "a imagem do próprio corpo que está em abundante metamorfose", e desse modo, em que vacilam o "Imaginário e Simbólico; o real aparece" (Oliveira e Hanke, 2017, p.299).

É importante pensar que a cura pela psicanálise consiste em descobrir a causa dos sintomas, ou seja, possibilitar ao sujeito apoderar-se de seus desejos e não abrir mão deles. O lugar de Lucy como filha parece situá-la como vítima ou beneficiária da estrutura psíquica da mãe. Substituindo o objeto que falta à mãe, caso não venha a ter uma mãe que saiba ser "suficientemente inútil", não terá acesso ao desejo próprio (Checchinato, 2002, p. 50).

"Depois de uma conversa que tive com minha mãe, acho que eu não conseguir conversar com meninos tem uma relação com a história vivida com meu pai" (Lucy). A fala de Lucy revela um ponto central na estruturação subjetiva da paciente: sua dificuldade em situar-se em relação ao desejo dos pais. Essa dificuldade parece enlaçada a um impasse fundamental na dinâmica edípica, onde o gozo do pai e o desejo da mãe permanecem enigmáticos para Lucy, afetando suas relações com o Outro. Miller traz uma expressão interessante: "sintoma do vínculo com a mãe". O autor diz: "Em todos os casos o sintoma do vínculo com a mãe está sempre presente, a questão se coloca quando esse sintoma vem a dominar" (Miller apud Spínola, 2001, p. 27). Nesse caso, o sintoma de Lucy – dificuldade em estabelecer vínculos com meninos – pode ser entendido como uma resposta ao não dito ou ao não elaborado na relação parental. A referência à "história vivida com meu

pai"indica que a relação com ele impactou sua capacidade de simbolizar e nomear aspectos do desejo e da sexualidade.

Sendo o 'romance familiar', aquele que cumpre a função de organizar uma saída da infância sobre os enigmas que se impõem ao sujeito, a saber: o enigma da existência e do sexo, esse revela a verdade do par familiar que, habitado pela linguagem, localiza o sujeito em relação ao desejo dos seus pais. Dessa maneira, Lucy parece mobilizar a relação da mãe à castração. Sua inclusão no desejo da mãe é fator determinante que a orienta nas identificações como sujeito. Torna-se imprescindível saber de que forma Lucy elabora seu lugar nesse romance familiar: como objeto de gozo da mãe ou como sujeito.

Um sujeito adolescente, como é o caso de Lucy, que na entrada para a universidade, apresenta abaladas suas referências infantis, pode, num momento como este de escolha profissional, não conseguir ocupar esse lugar por não ter um parâmetro de quem realmente é. Por não ter feito a escolha da saída da adolescência. O sujeito adolescente pode se ver levado a seguir aquele caminho em que outros acabaram escolhendo para si e, desse modo, se ver angustiado. A psicanálise, como fonte de nossa teorização nessa pesquisa, deflagra os efeitos do Outro parental sobre o sujeito, mas não o exclui da responsabilização da escolha de seus desejos. Mesmo quando esses desejos se mostram atrelados aos desejos do Outro.

Culturalmente, fora do discurso analítico, observa-se certa culpabilidade infringida aos pais pelos sintomas e traumas apresentados na infância e adolescência. Para a psicanálise, as carências da estrutura familiar não determinam a escolha e a posição do sujeito, mas podem colocá-lo frente a dificuldades exponencialmente acrescidas pelo momento da travessia da puberdade, onde esses mesmos referenciais já não servem como balizas. Os fundamentos estruturais do sujeito e dos caminhos do desejo humano, aqueles indicados por Freud, por meio da dissolução do Édipo e da castração, ordenam as relações entre pais e filhos (Spínola, 2001).

Este momento carece de certa dose de 'ousadia' para escolher! Lucy, com sua inibição e desajeito em se posicionar diante do Outro, demonstra suas dificuldades. Porém, como todo bom "transgressor", assume seu lugar de adolescente apresentando sintomas. As inibições, tratadas por Freud (1926/1996), no texto *Inibições, sintomas e ansiedade [angústia]*, são limitações das funções do eu, como fuga, para não enfrentar conflitos da adolescência, como precaução para não ter de lidar com a autoridade dos pais. Se, na

inibição, o eu do sujeito se empobrece fazendo com que ele pouco interaja com o ambiente, no caso de Lucy, pode-se pensar a faculdade, não podendo, quando necessária, modificar sua realidade externa para melhor se situar nela. Pode-se prever a localização de sua angústia em permanecer em sala de aula.

### 4.3 Marcadores das saídas de Lucy

A partir dos fragmentos citados acima, do caso clínico em questão, podemos analisar alguns marcadores encontrados acrescentando à pesquisa o primeiro dos modos sintomáticos, apresentados por Stevens (1998/2004), do sujeito se posicionar diante do outro, cita-se a escolha de uma posição quanto ao saber como substituição pelo saber que falta sobre o sexo que vem de encontro à presente inibição de Lucy, paralisando-a. Lucy vive em sua longa adolescência, aquilo que temos observado na contemporaneidade, uma procrastinação das escolhas a serem feitas, nas encruzilhadas do percurso rumo à vida adulta. Lucy adia qualquer tomada de decisão que implique em alguma renúncia, em alguma perda. Tentativas incessantes de salvar as antigas imagens dos pais imaginarizados de outrora.

A segunda saída apresentada por Stevens (1998/2004), como um dos modos sintomáticos observados em adolescentes nos dias atuais, é a de inventar identificações imaginárias e simbólicas no “enlaçamento ao Outro, ao desejo do outro sexo” (p. 4). Produção imaginativa que resgata o sujeito de seu desamparo e o mantém ‘à salvo’ num lugar onde não necessita se posicionar - embora não se posicionar já seja um posicionamento - parece ser aquele do qual Lucy se refugia em seus devaneios e ideais e, assim, se sente segura.

Quando eu tava na sala de aula na escola, eu não ligava pro que os outros pensavam de mim. [...] mesmo pensando que deviam me achar estranha. [...] quando entrei na faculdade, dentro da sala foi diferente. [...] queria passar uma impressão boa pra todos, e diferente de como eu era. [...] eu já tinha me acostumado com a opinião deles, mas na faculdade ia ser a hora que todo mundo ia formar uma opinião sobre mim de novo (Lucy).

Lucy se depara com a questão essencial que se coloca para o ser falante: como fazer com o gozo? O duro olhar julgador do outro. Quão avassalador pode ser a falta de reconhecimento de quem você é? Em quantos pedaços o sujeito pode se quebrar ao sentir que não alcançou toda a expectativa que o outro se fez crer e o quanto isso impacta naquilo mesmo que o sujeito tem como ideal do eu? A falta da validação do Outro como imposição de um lugar marca uma falta insuportável para o sujeito, em um momento em

que suas balizas não lhe dão mais suporte.

E, finalmente, a terceira resposta encontrada por esses sujeitos seria referente à falha na fantasia já construída na infância e que agora não lhe atribui mais sentido. (Stevens, 1998/2004).

Eu estava bem deprimida com tudo isso, essa questão do meu corpo realmente me matava por dentro. Aí eu comecei a fazer algo pra me sentir bem. Não me lembro bem quando eu comecei, nem lembro como começou. Eu criei meu mundo. Eu sempre tive a imaginação muito fértil, e conseguia “viajar” longe em qualquer lugar só no pensamento (Lucy).

A fuga e a errância na adolescência são marcadores importantes. Freud (1905/1996) pontua, no terceiro ensaio, que as transformações da puberdade implicam a perda do corpo infantil, exigindo a reelaboração de uma nova imagem corporal. E, nesse contexto, sublinho a observação de Lacadée (2011) sobre o domínio do discurso dos adolescentes: “[...] a colocação em jogo de seus próprios corpos depende da maneira como a linguagem lhes serve, ou não, para se defenderem do real” (p. 70). Na puberdade, o sujeito se depara com um corpo que não reconhece, procurando inventar maneiras de se comportar em relação aos seus objetos de gozo. Um real que se impõe, quando “nenhuma palavra convém ao que se modifica no corpo do adolescente e no encontro com o Outro sexo” (p. 75).

Eu realmente entrava nesse meu mundo, e conseguia ficar concentrada nele sempre que quisesse. Eu criava namorados imaginários, amigos imaginários, me transformava no que eu quisesse, e criava a aparência que eu queria pra mim. [...] Era totalmente diferente da minha realidade e me agradava muito, mas não era minha realidade (Lucy).

Há uma tentativa de Lucy em construir um semblante, velando sua falta fálica, diante da ausência de um significante que marque a posição feminina (Lima e Santiago, 2009). Lucy parece fazer a tentativa de assumir como "senhora de sua história" sujeito de sua história, se apropriando de suas mazelas. E, ainda que pudesse passar a vida se queixando daquilo que lhe aconteceu, assim como o que ocorre em análise, o Édipo em Lucy parece não querer mais ficar na posição de vítima de sua história. Dada a sua história, Lucy inventa um novo e singular modo de responder e correr riscos de suas próprias escolhas.

Nessa direção, pode-se considerar que a fantasia é o modo sintomático como Lucy se organiza no nível de seu desejo. No nosso campo clínico, falamos em sujeito dividido.

O sujeito dividido tem como elemento manifesto sua imaginação.

Após postulados apresentados por Stevens (1998/2004) e nossa tentativa de enlaxamento aos fragmentos apresentados nos relatos do caso estudado nesta pesquisa, nossa tarefa se parece um pouco, com aquilo que Freud (1914/1996) descreve em seu texto, já citado, *Recordar, repetir e elaborar*, a saber, a de descobrir aquilo que foi deixado de ser dito, recordado. Analisar os 'não ditos' de Lucy em suas narrativas. Segundo orientação do autor, abandonaremos a "tentativa de colocar em foco um momento ou problema específico"(p. 163). Deixaremos de focar no ponto onde se desencadeou o sintoma, para trazer à luz as possibilidades inventadas para a saída da encruzilhada da adolescência, apontada pela adolescente.

Aqui nos questionamos se a saída encontrada pelo sujeito de nossa pesquisa parece ser o momento em que Lucy resolve, de seu modo, com seus arranjos, assumir os riscos de um novo relacionamento amoroso. À princípio, sem grandes perspectivas, mas com desejo. Um desejo que se quer seu e que encontra um outro a quem endereçá-lo.

Este talvez seja um ponto importante pelo qual a pesquisa possa contribuir no sentido de elucidar alguma possibilidade de compreensão das palavras aqui relatadas em busca de seu sentido. Lucy, às voltas com tentativas incessantes de se enlaçar a um Outro, que não o materno, não teria pensado nessa saída "sem o despertar de seus sonhos"(Lacan, Lacan e Ribeiro, 2003, p. 557). Lacan salienta que os adolescentes apenas percorrem os caminhos dos mistérios de sensações vividas pelo corpo, repleto de dúvidas, porque surge, num mesmo movimento, o desejo, o despertar de seus sonhos, um querer fazer com o outro. O sujeito então se lança em tentativas de descobrir os caminhos de seus desejos e, desse modo, entra em contato com seus nós. Lucy assume o lugar do sujeito que corre os riscos de se ver incompleta em busca de alguma coisa que lhe falta. Lucy se dá conta de que existe um objeto que lhe causa o desejo. E que esse objeto não é materno.

Lucy faz tentativas exaustivas de se separar de seu par parental. No entanto, o conflito reside no apagamento de um pai que abusa do seu lugar de exceção. Ou, de outro modo, o apagamento do pai no discurso da mãe promove uma dificuldade de Lucy lidar com a sexualidade. Sua inabilidade de se envolver amorosamente com outros rapazes nos remete à falta de uma referência da qual se ancorar. A ausência do pai, especialmente após o abuso, deixou um vazio simbólico que carece ser preenchido. A função paterna ajuda o sujeito a se separar da mãe e a lidar com a castração. Sem ela, Lucy não consegue

se posicionar em relação ao desejo.

Assim, cria cenários do qual o ideal aparece lhe dando suporte para encarar seu desamparo. Em alguns desses cenários, Lucy nos conta que o ideal imaginativo criado para se salvar de sua angústia lhe traz apaziguamento simbólico, mesmo que consciente de que este não seja real. Se algum afeto não aparece de modo experienciado na consciência, não é porque o sujeito não o percebe, mas porque talvez doa demais. Talvez, nesse momento, o sujeito não disponha de recursos psíquicos para lidar com esse afeto. Há uma relação entre o quanto é possível lembrar de determinado afeto reprimido e quanta dor esse afeto provoca. Para a psicanálise, esse é um mecanismo de defesa do sujeito contra a dor, a repressão. E esse é um dos entraves de seu desejo. Isso nos remete ao familiar que em certo momento nos parece estranho. Freud (1919/1996), comentando Schelling, em seu texto *O estranho*, salienta que, *unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz. Dito de outro modo, é aquilo que deveria permanecer guardado, recalado em seu inconsciente, mas retorna para o sujeito em forma de sintoma. Esse, ao mesmo tempo em que produz a angústia, pode promover a criação do novo (Freud, 1919/1996).

"Comecei a pensar que eu podia tá pirando e que isso não era normal. Mas mesmo assim eu me deixava pensar nele de vez em quando" (Lucy). Nesse fragmento, a adolescente nos traz importantes marcadores para reflexão. Um deles seria o ponto de angústia de Lucy na dificuldade de construir aquilo que chamamos 'laço social', levando à subversão pela via do sintoma. O sujeito neurótico vacila em escolher se separar do Outro e constrói um sintoma que o protege da queda do véu. Essa expressão, a 'queda do véu' sugere o momento em que a fantasia que estrutura a relação do sujeito com o Outro se desvela, expondo a verdade do desejo ou a impossibilidade que o sustenta. O sintoma, nesse sentido, atua como um amortecedor, mantendo o sujeito à distância desse real que poderia ser devastador. Para Oliveira e Hanke (2017), "eis a tarefa do adolescente, e talvez não apenas do adolescente, de hoje: viver suas crises dentro das crises que seu mundo enfrenta" (p. 308).

Outro ponto importante e singular nesse caso clínico, nos é franqueado por Lucy ao relatar "pensar estar pirando". Como nota, a sensação de perda da realidade pactuada socialmente poderia nos remeter a uma realidade psíquica paralela? Gozar desse momento imaginário de viver em uma outra realidade traz satisfação a Lucy. A fuga da experiência

do encontro com o real é vivida com sofrimento e falta de reconhecimento de si mesma. Seu mecanismo de se esquivar de uma possível situação desagradável lança a adolescente em um eterno lugar imaginário, sem possibilidade de simbolização. Um sentimento que desperta um afeto tão aflitivo que o sujeito decide esquivar-se.

Contudo, Lucy apresenta-se estruturada como neurótica, pré-determinada por seu inconsciente, e se posiciona a partir do sintoma da fobia, fazendo suas amarrações a partir da culpa que revive na lembrança dos abusos sofridos na infância e do fato que a tortura, de não ter podido salvar sua irmã da mesma vivência. E, como todo 'bom neurótico', a saída de Lucy é a própria construção de seu sintoma. O modo de construção dos casos clínicos freudianos, inaugurado a partir da escuta daquilo que há de mais particular na clínica, considerando o caso a caso, o um a um, não ocorre sem levar em conta a categoria clínica na qual cada caso se insere (Marcos, 2010).

Freud (1926/1996), em seu texto *Inibição, sintoma e ansiedade*, diz que o sujeito se defende de afetos ligados ao processo de desprazer. O mecanismo de defesa obedece ao princípio de evitar o desprazer, que aflora a partir das exigências pulsionais, alterando, imaginariamente, a realidade psíquica do sujeito.

A psicanálise nasceu com uma relação com o corpo. Assim, a partir de uma escuta psicanalítica do caso, aposta-se na pesquisa como tentativa de compreensão de nosso tempo, atualizando a prática da clínica e a construção dos casos. Pois aí onde não há desejo expresso, aí onde se escapa o saber, lugar onde se localiza o sujeito do inconsciente, seria o ponto de partida para que surja a verdade do sujeito, e, quiçá, modificando-se o curso de sua história de vida. Oliveira e Hanke (2017), nos lembram que a “crise da imago paterna, crise dos ideais, crise do Outro, enfim, muito do que afirmamos caracterizar a adolescência também caracteriza o mundo em que atualmente vivemos” (p. 307).

A psicanálise é uma teoria que se apresenta como um laço social que tenta enlaçar o sujeito pela fala. Com essa aposta de que o sujeito constrói suas saídas a partir das respostas que vai encontrando, extraímos um recorte do caso da Lucy que ilustra um novo ponto de onde se ancorou:

Quando eu fui me relacionar pela segunda vez, foi meio que assim [...] minha irmã me incentivou a abrir o tinder, [...] fui lá e fiz e comecei a olhar as pessoas. [...] vou conversar com algumas pessoas aqui mesmo e eu quero ver no quê que vai dar. Eu já tava mais destravada, mais prá frente um pouquinho assim nas conversas, não tava com medo, nem tão tímida. Teve umas conversas bem babacas, mas teve o Pedro... e

assim... sabe aquela mãozinha que acha a sua luva perfeitinha? A tampa da panela? Eu acho que eu dei sorte demais, demais... Aquelas coisas que eu sentia falta [...] Digamos assim: as coisas, os traços que o Pedro tem que pra mim encaixam bem melhor, sabe... E, eu me sinto assim agora: a pessoa mais sortuda do mundo (Lucy)!

Podemos afirmar que Lucy encontrou sua saída e construiu o adulto que traz em si? O psicanalista Lacadée (2007) nos diz que "a metamorfose da puberdade é um momento de transição que não vai se dar, talvez, sem correr riscos"(p. 85). Em seu artigo *A passagem ao ato nos adolescentes*, o autor traz uma frase do poeta Victor Hugo que ilustra bem esse relato de Lucy, descrevendo a mais delicada das transições, a adolescência, acrescentando que se trata "do início da mulher ao final de uma criança" (p. 90). Embora saibamos, a partir de Freud (1936/1996) que, quanto mais forte for o trauma, mais os efeitos prejudiciais se tornam presentes, Lucy nos aponta sua forma singular de se haver com suas questões.

Já que as boas saídas, aquelas inventadas pelos sujeitos na sua experiência, as saídas em direção ao mundo social e ao gozo da vida, são construídas numa relação singular tecida com o acaso e escolhas inconscientes. Um caminho que ainda não estava inscrito, e talvez só seja possível a partir da invenção singular de se aventurar nos riscos ofertados num mundo, que inclua o Outro. É urgente colaborar com a difusão de estratégias de abertura de espaços de compreensão e diálogo sobre esse complexo momento vivido pelo sujeito, a saber, a travessia da adolescência, que não ocorrerá, no entanto, sem que o Outro consinta.

Se o sujeito do qual a psicanálise traz em sua concepção, pontuado pela psicanalista Marcos (2010), é aquele marcado pela divisão, pela clivagem e pelo desconhecido, ou seja, aquele que escapa à objetividade da ciência, que o reduziria a um objeto do saber, podemos entender que, desse modo, se "a ciência elimina o sujeito, a psicanálise subverte pela inclusão do sujeito"(p. 100).

#### 4.4 A arte como uma possível saída?

Eu me lembro de ter que ir no psicólogo quando era muito nova, por causa do abuso do meu pai, mas eu não falava nada nas sessões. Nada mesmo, era uns 40 minutos do psicólogo perguntando algo e eu falando nada. Mas eu me lembro que adorava ir, porque lá ele me colocava pra desenhar (Lucy).

Talvez a infância roubada de Lucy tenha sido resgatada quando é colocada a de-

senhar com sua analista. A construção de um novo romance familiar, onde o sujeito se identifica com sua própria história, se separando das identificações da infância, pode dar novos contornos e sentido, amarrando o corpo na expressão própria da arte. Lucy descobre um de seus dons. Começa a pintar quadros. E, desse modo, faz tentativas de se reinscrever numa cadeia onde seus afetos parecem, enfim, se organizarem. Uma nova descoberta da qual o tempo da adolescência inaugura: a possibilidade de uma retificação do traumático encontro com o Outro, dando-lhe, talvez, sentido em suas experiências vividas, não elaboradas, escritas no real do corpo.

As psicanalistas Cunha e Lima (2012), em seu artigo *Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita*, salientam que o sujeito inaugura nesse tempo lógico da adolescência, ao mesmo tempo, uma retificação de sua história própria na relação com seus pais e a sua separação simbólica das identificações infantis nas construções edípicas. As autoras pontuam que na falta de um organizador simbólico, com a queda dos referenciais paternos, o sujeito, 'especialista de si', inventa novas saídas para tratar do real do sexo. A falta de saber no encontro com o Outro da linguagem impõe ao sujeito se rearranjar, na tentativa de barrar um gozo pulsional, buscando por um sentido, que muitas vezes se apresenta como um sintoma. Lucy faz da pintura sua tentativa de simbolizar "algo do real inassimilável pela palavra"(Cunha e Lima, 2012, p. 798).

A pintura não veio como desejo. A primeira vez que tive contato deve ter sido com uns 10-11 anos. Ganhei uma tela e umas tintas da tia Marie, pintei uma vez, não gostei do que vi e não mexi mais. Mas eu sempre gostei de arte de outras formas. Eu desenhava muito desde pequena e brincava com massinha. Era meu jeito de me expressar (Lucy).

O sujeito, muitas vezes, inventa modos singulares de lidar com sua verdade. Lucy busca mecanismos de defesa contra um não saber sobre seu corpo, um não saber sobre relacionamentos que possam existir sem violência. Violência da qual vivenciou quando criança, mas que agora, podendo se dispor de corpo sexuado, busca satisfação e sentido. E a arte vem como ferramenta de se expressar, modos de se posicionar, de dizer de si. Lucy constrói sua identidade mesclando os ideais e expectativas do par parental às formas que ela própria tem de si. E, nessa mistura, alguma coisa emerge de um sujeito desejoso de ocupar seu lugar numa relação com o Outro materno, o Outro amoroso e demais olhares que lhe atravessam.

Sempre estive em cima de mim essa coisa. A família me incentivou

muito, diziam que gostavam das coisas que eu fazia. Mas, ao mesmo tempo que tinha aquele negócio: A Lucy é boa, a Lucy consegue... quando eu batia o olho e não conseguia, eu ficava muito pra baixo, eu ficava triste. Eu falava: Eu não vou fazer mais porque eu não consigo. [...] Eu olho para as coisas que eu pinto e eu falo: não tá legal o suficiente [...] (Lucy).

Lucy parece construir sua nova identidade respondendo de forma ora mais sofrida às demandas de sua história, ora nem tanto. Será que podemos pensar que a arte lhe dá um lugar do qual consegue se ver com um olhar mais apaziguador? A operação de simbolização de seus nós, de suas mazelas e a imagem que tem agora de si produz sentido e tem sua forma singular de expressão através da arte. Suas questões com seu corpo lhe dão uma trégua, ou, pelo menos, não aparecem em todos os seus discursos como antes. A arte talvez tenha dado um direcionamento em sua pulsão, situando seu desejo em outros objetos externos. Há de se apostar na força criadora do sujeito como forma de expressão, de sentido e de desejo.

Hoje eu adoro pintar! Eu adoro mexer com as coisas de arte. Tudo o que eu mexo, desenhar também faz parte da pintura, gosto da pintura, gosto das minhas massas, das minhas argilas. Eu acho que no passado, a primeira vez que eu, quando era mais nova, que minha tia Marie (que é uma artista) me deu uma tela, sempre existiu em cima de mim uma pressão de também ser artista da família. E o povo meio que me via como uma mini-tia Marie. Acho que a própria tia Marie vive falando que somos parecidas. Então, eu acho que quando eu peguei a tela pra pintar lá, ainda pequenininha e não ficou muito legal, eu falei assim: Nossa! Tá horrível! É óbvio que tá horrível, é a primeira vez... Eu não quis nem tentar mais, porque eu falei: eu não vou conseguir, não vai ser igual à tia Marie, não vai ser... (Lucy).

Freud formula em o *Mal-estar na civilização* que o sujeito, para encontrar seu lugar na civilização, renuncia a uma parcela de satisfação. A cada achado de Lucy haverá algo perdido (Freud, 1929/1996).

Lucy, de um modo singular, vai se tornando um sujeito "especialista de si". Utilizando mais uma vez o termo trazido pelas psicanalistas Cunha e Lima (2012). Faz as pazes com seu sintoma, percebe suas faltas e, assim como tudo aquilo que está no inconsciente, estruturado como uma linguagem, constrói seu novo posicionamento diante das cobranças em assumir um lugar no social, utilizando-se do efeito significante daquilo que antes vivia guardado em sua memória, podendo agora ser falado, sentido e reelaborado.

De fato, Freud nos ensina que o romance familiar dá início na infância quando os filhos se opõem aos seus pais se distanciando. Uma nova história se escreve na produção

desse romance familiar, a partir da criança dividida, manifestado por sua imaginação, dando, de algum modo, "adeus a seus pais"(Naveau, 2001, p. 109).

Para que o sujeito possa elaborar essa operação de separação simbólica de seus pais, há um tempo lógico próprio a cada um, para a invenção de uma saída possível frente à irrupção da puberdade.

É importante situar que a ética da psicanálise situa-se numa perspectiva inteiramente diversa. Que não se pense, contudo, de ortopedia e de readaptação. Funda-se na singularidade da relação do sujeito com seu desejo e seu gozo. Quanto a isso, é possível afirmar categoricamente: cada sujeito é diferente do outro. Assim sendo, o discurso analítico se insere na lógica do não-todo, do caso a caso, do um por um, onde não se pode escrever o universal ou formar conjunto. (Barreto, 2007, p. 17).

Se, desse modo, não há critérios para se definir um sujeito ou para atendê-lo “fechado em um conjunto” é preciso fazê-lo no caso a caso, até que ele próprio nos aponte uma saída (Viganò, 2003). Como nos aponta Lacan (1953/2005), em *Nomes-do-pai*, há sempre “uma parte de real em nossos sujeitos que nos escapa” (p. 13). E, assim, Lucy parece sinalizar um pai que, não cumprindo sua função de lei, desampara. Como a puberdade reedita o Édipo, esta cena é revivida no real de suas experiências na tentativa de fazer laços. Contudo, a adolescente terá que se haver com suas escolhas e posicionamentos ligados à sua sexualidade. A adolescente, na ocasião de viver seus conflitos pubertários, tenta finalmente se separar da mãe.

## 5 CONCLUSÃO

Para além dos conflitos apresentados no caso clínico, com os traumatismos vividos, as relações marcadas com violência, as palavras que perturbam e ferem, sabemos que a adolescência em si comporta traumas, pois pressupõe, de forma abrupta, o arrancar-se do sujeito de seu confortável núcleo familiar e lança-o ao mundo adulto, estando este pronto ou não. Ainda assim, a adolescente do caso trabalhado nesta pesquisa, na angústia por sentido de sua existência e na errância de suas escolhas que acaba por favorecer a formação dos seus sintomas, não cede de seus desejos.

O caso Lucy evidencia que o sintoma desempenha um papel estruturante na vida do sujeito, surgindo, oportunamente, nos momentos em que as palavras falham e deixam de traduzir afetos experienciados nas vivências e relações estabelecidas. Contudo, ao se constituir como uma formação singular, o sintoma pode ocupar um lugar essencial na maneira como o sujeito organiza seu laço com o Outro, oferecendo uma via singular de lidar com o real e de construir sua subjetividade. Poderíamos pensar que Lucy encontrou sua saída da adolescência ao optar por se engajar socialmente, assumindo o risco em suas escolhas e relações? Lucy se separa dos pais ou de um gozo infantil que insiste em permanecer, ainda que sob novas formas?

A função da pesquisa, assim como a de uma análise, talvez seja essa de se construir em sua própria história como sujeito. Não se pode perder de vista a ideia desse eu historicizado. Contemporaneamente, de alguma maneira, poderíamos pensar que essa é a relevância dessa pesquisa, a de se construir uma nova história.

O processo de subjetivação do adolescente não vai se construir num modo ideal, mas na ruptura, na tentativa falha de se inscrever no mundo e na busca incessante por um lugar próprio frente ao desejo do Outro. Um período marcado por desencontros e desconexões, constituído pela falta, pelo não-todo e pelo gozo. Diferente de uma abordagem normativa que busca soluções definitivas, a psicanálise nos ensina que a adolescência está longe de ser um momento linear que busca a completude, pois aparece como um percurso repleto de impasses, hesitações e reinvenções. É nesse espaço vazio, nesse intervalo entre o que se deseja e o que nunca se alcança por completo, que se abre a possibilidade de um movimento, de uma invenção singular. O caso nos aponta um percurso marcado pela hiância, pelo intervalo entre o significante e o gozo, onde cada sujeito responde de modo singular ao impossível de simbolizar, na falha e na impossibilidade de sustentar sua

verdade, fazendo de um mal encontro com o sexo a única via possível de subjetivação.

O resultado dessa pesquisa em psicanálise é a verdade daquele sujeito pesquisado. Ao invés de nos determos aos achados relatados nos fragmentos do caso estudado, como forma de validação universal dos resultados da pesquisa, sustentamos "a busca de uma singularidade tomada como verdade do sujeito"(Marcos, 2010, p. 104). A verdade é que, para nós psicanalistas, diante de tantas questões, temos mais perguntas que respostas. Talvez nosso maior desafio seja lidar com esse real que se impõe, e nos compele a responder, sem, no entanto, entender, mas sim, permitindo que o sujeito conclua sozinho. Ainda é cedo para concluir. Para colar um sujeito a qualquer significante é sempre cedo demais!



## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. O adolescente e seu pathos. *Psicologia USP*, SciELO Brasil, v. 13, p. 183–202, 2002. 15
- ALBERTI, S. *O adolescente e o Outro*. [S.l.]: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004. 16, 17, 19, 21
- ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. [S.l.]: Relume-Dumara, 2009. 30
- ASSOCIATION, A. P. et al. *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. [S.l.]: Artmed Editora, 2014. 27
- BARRETO, F. P. A psicanálise aplicada à saúde mental. *Colóquio dos residentes em psicologia clínica e saúde mental do Hospital Juliano Moreira*, 2007. 23
- CHECCHINATO, D. Psicanálise dos pais. *Pulsional rev. psicanál*, p. 42–69, 2002. 33, 40, 41, 42, 51
- COSENZA, D. *Clínica do excesso - Derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea*. [S.l.]: Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2024. 17, 18, 21
- CUNHA, C. d. F.; LIMA, N. L. d. Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, SciELO Brasil, v. 15, p. 798–811, 2012. 37, 59, 60
- DOLTO, F. *Seminário de psicanálise de crianças*. [S.l.]: Zahar, 1985. 36
- DOR, J. *O pai e sua função em psicanálise*. [S.l.]: J. Zahar, 2011. 28
- FERRARI, I. F.; JANUZZI, M. E. da S. Adolescentes usuários de drogas ea desinserção social. *Revista Subjetividades*, Universidade de Fortaleza, v. 19, n. 3, 2019. 15, 29
- FREUD, S. Devaneios (1907). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, v. 9, p. 135–143, 1908/1996. 37
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira*, v. 7, 1905/1996. 12, 15, 17, 19, 20, 40
- FREUD, S. *Romances familiares*. In “*Gradiva*” de Jensen e outros trabalhos (Edição Standard, Vol. 9). [S.l.]: Rio de Janeiro: Imago.(Trabalho original publicado em 1909), 1909/1996. 21
- FREUD, S. Totem e tabu (1913-1914). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Imago Rio de Janeiro, v. 13, 1913/1996. 22, 28
- FREUD, S. *Recordar, repetir e elaborar*. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. [S.l.]: Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996. 47, 48, 49, 55
- FREUD, S. O estranho (j. salomão, trad.). *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, v. 17, p. 237–269, 1919/1996. 56

FREUD, S. *O ego e o id (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19)*. [S.l.]: Rio de Janeiro: Imago.(Originalmente publicado em 1923), 1923/1996. 40

FREUD, S. Inibição, sintoma e ansiedade (1926 [1925]). *Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1926/1996*. 43, 48, 57

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927-1931). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Imago Rio de Janeiro, v. 21, 1927/1996. 25

FREUD, S. O mal-estar na civilização (edição standard brasileira das obras psicológicas completas de sigmund freud, vol. 21). *Rio de Janeiro, RJ: Imago.(Originalmente publicado em 1929)*, 1929/1996. 60

FREUD, S. *Análise terminável e interminável (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 23)*. [S.l.]: Rio de Janeiro: Imago.(Originalmente publicado em 1937), 1936/1996. 58

GUERRA, A. M. C. et al. A família processual: Pensando a filiação e a transmissão na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 1, p. 206–222, 2019. 33, 34

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. 2003. 32

LACADÉE, P. A autoridade da língua. *K. Mariás e M. Mezêncio, trad.). La Petite Girafe*, v. 23, p. 7–15, 2006. 23, 35, 37, 38

LACADÉE, P. A passagem ao ato nos adolescentes. *A-Sephallus: Revista Eletrônica do Grupo Sephora*, v. 2, n. 4, p. 85–92, 2007. 17, 50, 58

LACADÉE, P. O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. *Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria*, 2011. 13, 38, 44, 45

LACADÉE, P. Duas referências essenciais de j. lacan sobre o sintoma da criança. *Opção lacaniana*, v. 17, p. 74–82, 1996. 45

LACAN, J. *Outros escritos*. [S.l.]: Jorge Zahar Rio de Janeiro, 1938/2003. 12, 28, 33, 34, 42

LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real 1953 (p. 11-53). *Nomes-Do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1953/2005*. 61

LACAN, J. O eu na teoria de freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). *Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1954/1985*. 17

LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia. *Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1963/2005*. 15, 41

LACAN, J. Nota sobre a criança. *Outros escritos*, Jorge Zahar Rio de Janeiro, p. 369–370, 1969/2003. 42, 44

LACAN, J. O seminário 20-mais, ainda (1972-73). *Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985*. 27

- LACAN, J.; LACAN, J.; RIBEIRO, V. Prefácio a o despertar da primavera: In outros escritos. *Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor*, 2003. 55
- LIMA, N. L. d. O ciberespaço como possibilidade de laço social na adolescência. 2010. 24
- LIMA, N. L. d.; BERNI, J. T.; LISITA, H. G. Quem se ocupará das crianças? a solidão e os gadgets da família atual. *Almanaque online*, Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, v. 23, 2023. 46
- LIMA, N. L. d.; SANTIAGO, A. L. B. A escrita íntima na puberdade: a tessitura de um véu no encontro com o feminino. *aSEPHallus*, p. 69–87, 2009. 34, 54
- LUSTOZA, R. Z.; CARDOSO, M. J. d.; CALAZANS, R. "novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, SciELO Brasil, v. 17, p. 201–213, 2014. 22, 32
- MANNONI, M. A primeira entrevista em psicanálise: prefácio de françoise dolto. *Rio de Janeiro: Editora Campus*, 1981. 49
- MARCOS, C. A pesquisa em psicanálise e a linha de pesquisa processos psicossociais do programa de pós-graduação stricto sensu de psicologia da puc-minas. *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*, EdUEMG, v. 1, p. 99–111, 2010. 57, 58, 63
- MARCOS, C. M.; HALLAK, B. M. *A clínica do excesso e a adolescência*. In: *Clínica psicanalítica na atualidade*. [S.l.]: Quixote+DO, 2022. 30
- MILLER, J. Em direção à adolescência. intervenção de encerramento da 3ª jornada do instituto da criança. *Portal Minas com Lacan*, 2015. 16, 17
- MILLER, J.-A. Assuntos de família no inconsciente. *Revista aSEPHallus*, v. 2, n. 4, 2007. 32, 33, 34, 44
- NAVEAU, P. A criança entre a mãe e a mulher. *Revista Curinga*, v. 15, n. 16, p. 132–143, 2001. 36
- OLIVEIRA, H. M. d.; HANKE, B. C. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, SciELO Brasil, v. 20, p. 295–310, 2017. 20, 51
- PACHECO, L. V. O adolescente e as drogas. *Rev Curinga*, v. 13, p. 25–31, 1999. 16
- SPÍNOLA, S. B. Psicanálise de crianças: a presença dos pais. *Curinga: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise–Minas Gerais*, p. 76–83, 2001. 52
- STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade: clínica do contemporâneo. *Revista Curinga, Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas*, 20, 27-39., 1998/2004. 17, 18, 19, 39, 40, 45, 53
- VIGANÒ, C. A construção do caso. *Almanaque de psicanálise e saúde mental*, v. 6, n. 9, p. 47–53, 2003. 61
- VIOLA, D. T. D.; VORCARO, Â. M. R. A adolescência em perspectiva: Um exame da variabilidade da passagem à idade adulta entre diferentes sociedades. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, SciELO Brasil, v. 34, p. e3448, 2018. 12

ZANOLA, P. C.; LUSTOZA, R. Z. Alienação e separação no seminário 11 de lacan: uma proposta de interpretação. *Tempo psicanalítico*, Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 51, n. 2, p. 121–139, 2019. 22

ZANOTTI, S. O adolescente e seus enlaces: considerações sobre o tempo. *Opção Lacaniana Online*, 7 (20), 2016. 16, 18